

# **GESTO ANALÍTICO SOBRE O QUE FALTA, EXCEDE OU ESTRANHA NA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A PSICANÁLISE IMPLICADA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS**

Mário César Coelho Gomes<sup>1</sup>  
Quele de Souza Gomes Santos, Msc<sup>2</sup>.

## **RESUMO**

Este trabalho teve como objetivo propor um gesto de interpretação sobre um arquivo de análise composto por dez artigos científicos publicados entre os anos de 2016 e 2019 que tratam das recentes experiências de psicanalistas nas clínicas públicas de psicanálise em diversas cidades brasileiras. Tal gesto analítico foi possível ao acionar a teoria da Análise do Discurso de linha francesa e ao mobilizar três estratégias discursivas presentes em Aracy Ernst-Pereira que sugere que um corpus de análise pode ser recortado e analisado através do que falta, excede ou estranha no discurso presente nas materialidades. Demonstra-se ao longo do trabalho que o que escapa as autoras(es) dos artigos é a clivagem neles de um Discurso Universitário como elabora o psicanalista Jacques Lacan. A dimensão daquilo que excede nos artigos fica por um lado relacionada ao atravessamento de um discurso marxista que propõe uma leitura dialética da psicanálise e, por outro a proposta de uma escuta ao sofrimento ético-político contemporâneo. Já na dimensão do estranho discursivo presente nos textos, focou-se na questão da definição a priori da gratuidade ou de um valor fixo para as sessões de análise e as implicações psicanalíticas de tais manejos. O dispositivo teórico-analítico foi concebido também a partir dos diversos atravessamentos discursivos e ideológicos do autor deste trabalho e testemunham

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e graduando do curso de Psicologia na mesma instituição. Bolsista CAPES/PROSUC e integrante do Grupo de Pesquisa “Psicanálise e Linguagem” vinculado ao PPGCL/UNISUL. Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Psicanalista em formação como participante do terceiro ano da transmissão em Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica. E-mail: mariocesar@email.com

<sup>2</sup> Professora do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2011) e Mestra em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2015). Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2017-2021).

a opacidade da linguagem presentes nas diversas formações discursivas que ora dialogam, ora contrapõem-se ao longo de todo texto.

**Palavras-Chave:** Psicanálise; Espaços Públicos; Análise do Discurso;

## INTRODUÇÃO

### O XAMÃ, O ATOR E O PSICANALISTA

Articulando desde o ponto de vista teórico da Análise do Discurso (AD)<sup>3</sup> as bases para a composição deste manuscrito, não resta ao sujeito em sua função-autor situar aos leitores sobre quem assume a autoria desta textualidade. Isto importa na medida em que o discurso, como lembra Orlandi (2007), é a “palavra em movimento, prática de linguagem” (p.15). O discurso compreende algo que vai além da letra crua de determinada textualidade, para além do aspecto formal, o analista do discurso está sempre em busca dos sentidos que as diversas materialidades ocupam em sua relação com a cultura, a história, a língua e o inconsciente. É preciso então situar o autor do trabalho em relação aos atravessamentos históricos e ideológicos que o levaram a enveredar-se pelo estudo do tema analisado neste escrito, qual seja, a psicanálise implicada nos espaços públicos das cidades.

Há dez anos, o autor desta pesquisa concluía o curso de Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Após algumas experiências como ator e diretor de espetáculos de Teatro de Rua<sup>4</sup>, o seu trabalho de conclusão de curso teve por objetivo compor uma memória do Teatro de Rua realizado na cidade de Florianópolis entre as décadas de 1970, 1980 e 1990.

Como aponta Santos (2016), “o Teatro de Rua tem seu caráter transgressor por natureza, diante do teatro em lugares fechados” (SANTOS, 2016, p.132). Para este contador de histórias negro e sergipano, o Teatro de Rua constitui um modo de “radicalização de movimentos populares” (Idem) que rompe com o claustro das salas tradicionais de teatro ao ir ao encontro do povo. Neste movimento, dialeticamente o espetáculo transforma o espaço público e, *pari passu*, é transformado pela cidade e pelos cidadãos que entram em contato com este teatro invasor das ruas.

---

<sup>3</sup> A partir do trabalho de Michel Pechêux, a AD em sua linhagem francesa preocupa-se também com o aspecto Real – ou seja, do impossível, inalcançável, non sense, do que é equívoco e nos escapa – da Linguagem, do Materialismo Histórico-Dialético e da Psicanálise, constituindo-se assim como uma ‘disciplina de entremeio’ nos termos de Eni Orlandi.

<sup>4</sup> Como ator os espetáculos *Arena de Espelhos* (2004) dirigido por Éder Sumariva e Paula Kornatzki; *À direita de Deus Pai – Uma mogiganga brasileira* (2007) dirigida por Toni Edson e *Trafulhas da Língua* (2008) criação coletiva com a Trupe Popular Parrua. Como diretor a adaptação de Toni Edson a partir do texto da peça *Roda Viva* de Chico Buarque de Hollanda, intitulada *Morte e Vida Benedita* (2006/2007). Além disto, foi membro-fundador do Movimento de Artistas de Rua de Florianópolis (M.A.R.) atuando como representante/articulador catarinense em algumas reuniões da Rede Brasileira de Teatro de Rua (RBTR).

Aqui não se pretende tomar a memória do sujeito que escreve em sua função-autor como memória individual pois, em acordo com Pechêux (1999) a memória só pode ser retomada – sempre parcialmente – a partir dos “sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PECHÊUX, 1999, p.50). Tomando a memória do autor como efeito discursivo que é afetado pela língua, ideologia e pelos não-ditos inconscientes, há um elemento que perpassa a temática dos dois trabalhos: os espaços públicos.

Obviamente, há diferenças entre teatro e psicanálise e suas relações com o espaço público. “Teatro de Rua é jogo” como pontua Santos (2016, p.138) e, para Huizinga (2000), “o jogo é fato mais antigo que a cultura” (p.5), isto é, o jogo é anterior a linguagem e podemos observar que mesmo os animais mais ferais jogam entre si. Contudo, o humano passa a diferenciar-se dos animais justamente quando estabelece um jogo de linguagem em suas relações. E uma forma de jogo linguageiro é justamente o teatro.

O teatro começa quando algum ser antepassado promove uma dobra na linguagem e passa a apresentar-se para seus pares como uma outra pessoa, presentificando uma ausência. Sem palco, sem suntuosos recursos de caracterização como hoje em dia. Berthold (2011) lança uma hipótese histórica de que “o palco do teatro primitivo é uma área aberta de terra batida” (p.4). Ou seja, essa primeira forma de teatro começa num espaço público, ainda que esta separação entre o público e o privado possivelmente não fizesse sentido naqueles tempos.

A representação de outro ser através da mágica de linguagem que alçava a outro plano espiritual – porque não psíquico – aquele que portava uma máscara tinha antes de mais nada um caráter ritual. Não havia a separação entre o que representava e aquele que assistia, justamente porque ambos compartilhavam de um espaço mítico vivenciado em coletividade através dos rituais de caça, fertilidade ou agradecimento. O xamã era aquele que estabelecia o contato com os deuses e demônios de um outro mundo através de um transe provocado em meditações que misturavam danças, cantos, ruídos ensurdecadores, uso de substâncias alucinógenas. Deste modo, não era somente um ator a representar o papel como na acepção contemporânea, mas antes de tudo um ser que tinha o poder de cura ou destruição por sua conexão mística.

As raízes do xamanismo como uma “técnica” psicológica particular das culturas caçadoras podem ser remontadas ao período Magdaleniano no sul da França, ou seja, aproximadamente entre 15.000 e 800 a.C., e portanto aos exemplos de pantomimas de magia de caça retratadas nas pinturas em cavernas (BERTHOLD, 2011, p.3)

Levi-Strauss (1975) em um famoso ensaio intitulado “A eficácia simbólica” ao analisar os procedimentos xamânicos na condução de um parto em um grupo étnico panamenho (os Cunas) procura estabelecer pontos de contato entre os efeitos simbólicos de cura que tanto o xamã, quanto o psicanalista podem provocar em seus respectivos contextos. Esforçando-se em propor relações o autor indica que, num primeiro momento, o xamã e o psicanalista estabelecem uma transferência com o enfermo ou o analisante. A diferença para Levi-Strauss consiste no modo como ambos manejam o aspecto mítico em suas atividades.

O xamã é aquele que insere imaginariamente o enfermo em um mito coletivo. Através de rezas, cantos e outros procedimentos, o doente encontraria pistas apaziguadoras para a cura de seu sofrimento. Desta feita, o xamã que conduz a cura é o herói que possui o dom de estabelecer conexão com o plano espiritual a partir de sua fala. Já o psicanalista procura escutar o ser em sofrimento, fazer com que este ao falar possa por si encontrar significantes que o liguem com o mito individual que construiu para si em seu sintoma. Logo, “o psicanalista escuta, ao passo que o xamã fala” (LEVI-STRAUSS, 1975, p.230).

A análise levistrausseana termina confabulando que “todo mito é uma procura do tempo perdido” (idem, p.236). Se o xamanismo da antiguidade inseria simbolicamente o mito numa coletividade, a psicanálise enquanto prática do mundo moderno o faz no um a um de cada sujeito. Na sociedade moderna europeia do século XIX que atravessava um segundo tempo da Revolução Industrial, a mecanização da produção de mercado fez efeito nas subjetividades. Já não havia tempo para se compartilhar simbolicamente o tempo mítico em coletividade. Cada sujeito passa a ser responsável por seu próprio tempo perdido e o mito deve ser procurado em cada sujeito. Freud é o homem que consegue captar este novo tempo e, graças a Emmy Von N., se cala para que o sujeito possa advir através de sua própria fala, reencontrando-se simbolicamente com seus mitos inconscientes.

Não é a à toa que o psicanalista vienense recorre ao mito edipiano na criação da tragédia de Sófocles para dar conta de articular hipóteses para sua teorização sobre a sexualidade. Num primeiro gesto de interpretação discursivo, parece que é a mitologia que aproxima teatro e psicanálise. O xamã seria, na antiguidade, uma figura que transitava entre o ator e o psicanalista, guardados todos os possíveis anacronismos que tal relação comporta.

## O ANALISTA IMPLICADO NA LÓGICA DO CONDOMÍNIO

Pensando não mais a figura do ator na cidade, mas do analista, é importante retomar, ainda que brevemente, uma discussão acerca das noções de público e privado, noções essas que tiveram diferentes conotações que merecem historicização adequada. É somente com a primeira divisão entre religião e Estado ocorrida entre os séculos IV e VI A.E.C.<sup>5</sup> que a noção do privado enquanto restrito ao âmbito doméstico, particular e do público como relativo à política das Cidades-Estados passa a fazer parte da convivência social. Curiosamente, é também no decorrer desse período que o teatro ocidental sofre um ponto de virada a partir do século V A.E.C. quando além de Téspis criar a figura do hypokrites (embrião do que viria a ser designado como ator), também ter sido estabelecido um local específico onde as peças eram realizadas, ou seja, o theatrón (lugar de onde se vê), instituindo também a separação entre o palco – lugar restrito aos que representavam – e a plateia, isto é, o público.

Prior e Souza (2014) lembram que desde o início a fronteira entre o que é público e privado não é tão transparente. Há, principalmente no que concerne a ideia de público uma dupla acepção. Uma que entende que público é aquilo que fica à vista de todos, não é secreto. Outra que entende que público é o que concerne ao Estado.

Do ponto de vista conceptual, o carácter público do poder, no qual por público se entende aquilo que acontece à vista do Público, algo que é, portanto, manifesto, aberto, visível, por oposição ao secreto, é um problema diferente daquele que se refere à esfera de competência do poder político distinto do poder dos privados. Com efeito, o poder político é o poder público no sentido da grande dicotomia mesmo quando não é público, não age em público, subtrai-se do publicum e não é controlado por este. (PRIOR & SOUSA, 2014, p.3)

Trazendo esta discussão para o campo psicanalítico, Dunker (2019) marca que “a oposição entre espaço público e espaço privado nunca frequentou o universo de conceitos e experiências da psicanálise” (DUNKER, 2019, p.10). Para este psicanalista, tanto o espaço público quanto o privado são, com efeito, espaços simbólicos. Espaço, portanto, é algo que ultrapassa a noção de território. Seguindo o entendimento do célebre geógrafo brasileiro Milton Santos (1996) o espaço é simbólico pois “é uma forma-conteúdo” (p.102) e o território já se configura como uma apropriação do espaço a partir de uma relação de poder. Ou seja, há aí um atravessamento de interesse político que separa os que podem ter acesso a determinado território e os que não podem. É em consonância com esses dois autores que as noções de público e privado são mobilizadas nesse trabalho. Por isso que, ao tocar na questão das recentes ações de psicanalistas nos espaços públicos, não há como ser ingênuo e deslocar a questão

---

<sup>5</sup> Antes da Era Comum.

apenas para uma oposição entre a psicanálise circunscrita ao lugar privado do consultório e a realizada nas ruas e praças.

A cidade moderna já não mais comporta divisões explícitas que comumente se fazia ao contrapor público e privado, haja vista a complexificação das relações que ocorrem no espaço urbano em decorrência de fatores de diferentes naturezas como industrialização, movimentos migratórios, verticalização, aumento populacional, etc., fatores estes que proporcionam o encontro com o diferente. Essa nova faceta das cidades modernas foi descrita por Vieira (2019) da seguinte forma:

Torna-se visível um dos principais atributos da cidade, especialmente da cidade moderna, que é a consolidação como lugar de encontro de estranhos e do estabelecimento de fronteiras definidas por linhas às vezes porosas, às vezes intransitáveis, ora invisíveis e intangíveis. Ainda assim, tais fronteiras são frequentemente percebidas e em constante processo de reconfiguração nas práticas cotidianas. Dito de outra forma, a cidade é um lugar de constituição de relações construídas por diferentes indivíduos e grupos que tornam-se próximos por curiosidade ou necessidade e ficam dispersos ou se afastam a todo momento pela natureza de nascidos nela ou fora dela, pelas divisões – sociais, culturais, raciais, de gênero e outras – que abrange, com todo o espectro de conflitos gerados pela cidade. (VIEIRA, 2019, p.69-70)

Tais conflitos recorrentes nas cidades modernas, especialmente nas megacidades, dotam o espaço urbano de características que salientam índices elevados de violência. Os dados estatísticos e a experiência da violência encaminham os sujeitos para um enclausuramento, para uma lógica de convivência não mais pautada pelo encontro nas ruas da cidade, mas para uma lógica de condomínio. A esse respeito, Dunker (2009) marca que neste espaço com tantas diferenças, a fantasia neurótica tenta estabelecer condomínios fantasmáticos de convivência entre iguais. Deste modo, uma máscara de dupla face é colocada como anteparo do gozo. Uma face é a liberal que delega aos mercados a autorregulação do gozo. A outra face disciplinar tenta construir estratégias de purificação normatizante àquele outro que supostamente estaria furtando o meu gozo. Aí reside a força da construção discursiva disseminada socialmente de que ser liberal na economia e conservador nos costumes é um caminho para a restituição da satisfação e da harmonia pacificadora da sociedade.

É neste ponto que as experiências de psicanalistas que propõem escuta nas ruas interessam a este trabalho. Como bem lembra Dunker (2019) se a psicanálise está se propondo a escutar as diferentes subjetividades nas praças, terminais, ruas, não pode ser com a intenção de uma cura imaginária e harmonizante. Algo que pode escorregar facilmente para uma lógica assistencialista e de fazer bem aqueles que sofrem. Os psicanalistas não devem sair às ruas para

se esta for a intenção, pois como já alertara Lacan (1988a [1959-1960]) quando se pretende fazer o bem “o que eu quero é o bem dos outros, contanto que permaneça à imagem do meu” (p. 229). A psicanálise não propõe a cura imaginária do sintoma, nem crê que os sintomas são anomias sociais. Se o analista vai para a rua é para dar suporte ao real em jogo no sofrimento ético-político da exclusão, das relações de poder e violência. O tratamento é uma estratégia possível que possibilita aquele que procura um analista a criação de novos significantes, reencontro com o real de seus mitos e organização de séries transformativas da linguagem.

Se a psicanálise não trabalha com a ideia de cura para todos os sintomas, tampouco se assenta sobre a ideia de um tratamento pelas vias da sugestão. É comum nestes nossos tempos, em que o ultraneoliberalismo é o canto da serida propagado pelos capitalistas, que haja uma política de produção de sofrimento, diagnóstico e oferecimento de solução à questão a base de fármacos ou terapias focais. Bem como, recentemente ocorre uma disseminação dos trabalhos realizados pelos chamados coachings. São muitas as diferenças entre este tipo de prática e a psicanálise, mas aqui toco apenas no aspecto da transferência para marcar a divergência entre estes campos.

Para a psicanálise a transferência apresenta-se como motor do tratamento – onde o analista maneja também a resistência tratamento na própria transferência – quando o analisante reserva ao analista a posição de Sujeito Suposto Saber. Este saber suposto não é senão o próprio saber inconsciente, logo é na transferência que o analisante mostra ao analista a sua implicação com o tratamento e o comprometimento com o seu sintoma. Já as terapias de cunho focal e objetivistas, funcionam ao modo de solução de problemas por meios sugestivos. Nestas modalidades, aquele que aplica as técnicas portam não um saber suposto, mas um saber prático, concreto e tentam a todo custo demonstrar que podem solucionar as questões que o sujeito perdido em seu sintoma carrega consigo.

É então importante que os psicanalistas estejam atentos para também não irem às ruas como vendedores de sonhos pret-a-portêr. Isto também passa pelo cuidado no manejo transferencial, sempre com Um, pois é marca do traço unário e das atualizações das imagos inconscientes de cada sujeito. O trabalho ora proposto importa na medida em que apresenta uma análise de como estão sendo construídas discursivamente as propostas de analistas que se implicam na escuta das subjetividades em sofrimento na contemporaneidade. Espera-se ainda que a partir desta pesquisa, o debate sobre o tema se amplie, sempre com vistas de que o diálogo sobre o tema possa fazer a psicanálise avançar em nosso tempo.



Frente a este contexto, o objetivo deste trabalho é sumarizar algumas pesquisas que versem sobre o tema da relação da psicanálise com os espaços públicos nas cidades contemporâneas por meio de alguns gestos de interpretação das Formações Discursivas (FDs)<sup>6</sup> que eles portam a partir do referencial da AD francesa. Os recortes estabelecidos pelo autor procuram analisar as implicações históricas, ideológicas e conceituais do tensionamento entre psicanálise e cidade. Compreendendo que não há de partida como limitar claramente as fronteiras entre o público e privado, o comum e o universal, o consultório e as ruas procura-se estabelecer uma aproximação sobre a implicação do analista na cidade como um caminhar na figura topológica da Banda de Möbius descrita por Jacques Lacan.

## **DISPOSITIVO TEÓRICO-ANALÍTICO**

A presente pesquisa constitui-se numa tentativa de estabelecer uma Revisão Integrativa de Literatura (RIL) que, segundo Souza, Silva e Carvalho (2010) é uma poderosa ferramenta metodológica no que tange às revisões de literatura. Dizem estas autoras que um bom artigo de RIL combina “dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular” (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010, p.103). Teixeira et al (2013) estruturam seis passos importantes que auxiliam na elaboração de uma revisão integrativa, a saber: a elaboração da pergunta de pesquisa, a busca ou amostragem da literatura, coleta de dados, análise crítica dos dados, discussão dos resultados e a apresentação da revisão integrativa de literatura. Cada um destes seis passos deve se constituir num todo orgânico e harmônico e que resulta, ao fim deste processo, em uma síntese que traduz o estado geral do conhecimento sobre determinado assunto (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Este estudo teve como mote a seguinte pergunta discursiva: qual o funcionamento das formações discursivas presentes nas publicações científicas recentes sobre a implicação da psicanálise nos espaços públicos da contemporaneidade?

Para dar conta desta questão, a coleta de dados para a composição deste manuscrito foi realizada nas bases de dados LILACS, Scielo, Pepsic, Periódicos CAPES e no Google Acadêmico com os descritores “clínicas”, “abertas”, “públicas” e “psicanálise”. Tais descritores

---

<sup>6</sup> Segundo Orlandi (2007) a Formação Discursiva é o que determina o dito e o não-dito em determinada Formação Ideológica, isto é, a posição que o discurso ocupa em certas condições e contextos sócio-históricos. Além disto, Brandão (2004) coloca as FDs funcionam pelo lado do enunciado a partir de movimentos parafrásticos, ou seja, espaço de repetição de certos dizeres e pela perspectiva do discurso através do que há de pré-construído na interpelação do sujeito pela ideologia e que ao longo do tempo compõe a memória discursiva.

foram selecionados por se aproximarem do modo como as experiências que interessam a esta pesquisa têm sido referidas recentemente. Os critérios de inclusão e exclusão para se chegar aos artigos acadêmicos que foram analisados neste trabalho dizem respeito a textos que tenham sido publicados em língua portuguesa, trabalhos inseridos no paradigma teórico da Psicanálise orientados pelos conceitos estabelecidos nas obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Todos os artigos inclusos nesta revisão integrativa da literatura foram retirados de periódicos classificados com, no mínimo, Qualis CAPES 'B4'. Os critérios de exclusão dizem respeito a documentos publicados há mais de cinco anos e em outros idiomas que não português. Foram recuperados um total de dezoito artigos acadêmicos sobre a temática. Destes, oito artigos foram descartados por não satisfazerem aos supracitados critérios de inclusão desta pesquisa. Portanto, compõem o arquivo de análise desta revisão integrativa de literatura um total de dez artigos.

Seguindo um preceito freudiano denominado de “atenção flutuante” (FREUD, 1912), a coleta de dados frente a este arquivo realizou-se analogamente no que poderia chamar-se de “leitura flutuante”. Tal leitura foi realizada em acordo com esta premissa psicanalítica que “[...] consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma ‘atenção uniformemente suspensa’ em face de tudo o que se escuta” (FREUD, 1912, p.125). Esta escuta deve ocorrer uma análise, texto a texto, assumindo-se uma “postura psicanalítica” frente as leituras refletindo que não há uma verdade em psicanálise, mas um saber-fazer com os recortes de cada texto lido.

Também foi utilizado no processo de análise dos dados um protocolo de leitura adaptado especificamente para esta pesquisa com base em Ursi e Galvão (2006) e anexado ao fim do trabalho. Este instrumento foi importante, principalmente nas fases de coleta e análise dos dados, contribuindo para o acompanhamento da compreensão deste pesquisador em seu contato com a revisão bibliográfica. O protocolo de leitura passava por cinco áreas aonde o pesquisador fazia suas anotações em cada um dos níveis. Estes cinco níveis eram o de identificação do artigo, a sede do estudo, o tipo de publicação, as características metodológicas do estudo e a avaliação do rigor metodológico do estudo. Neste nível, ao estabelecer uma relação entre o saber psicanalítico e a cultura, a pesquisa pode ampliar a reflexão sobre o movimento de deslocamento da psicanálise pelas cidades.

Para analisar o arquivo selecionado, o dispositivo teórico-analítico aqui mobilizado para lançar olhar sobre os artigos é o que apresenta Orlandi (2007) ao compreender que o recorte do corpus constituinte de uma pesquisa não deve adotar uma visada positivista, ou seja, não importa para a AD a extensão ou exaustão que pretende esgotar leituras sobre certo corpus. O

que importa é o que o analista consiga ultrapassar a superfície das textualidades analisadas e alcançar, a partir de um dispositivo próprio, as implicações históricas, ideológicas e os não-ditos do discurso presentes na materialidade estudada.

Também por conta do limite da extensão deste trabalho, adota-se como procedimento de análise o presente em Fernandes e Vinhas (2019) ao versarem que este é um processo que ocorre num movimento espiral que sai da superfície da linguagem e se presta a acionar no processo de análise as Formações Discursivas (FDs) presentes no recorte estabelecido pelo analista.

Este movimento parte do tema da pesquisa, aqui compreendido como “A psicanálise implicada nos espaços públicos das cidades brasileiras”. A partir deste tema foi feita a seleção do arquivo de análise acima apresentado, ou seja, os dez artigos científicos selecionados. Passou-se então a fase de recorte do corpus discursivo que segundo as autoras “depende de um gesto de interpretação do analista” (FERNANDES; VINHAS, 2019, p.146).

Neste ponto, o recorte do corpus orientou-se pelas três categorias analíticas sugeridas por Ernst-Pereira (2009), a falta, o excesso e o estranhamento. Estas três categorias podem orientar o olhar atento do analista para o que não está dito nos arquivos de análise e pode ou não ser recuperado pelo pesquisador (dimensão da falta), pelo que se apresenta em demasia ou apresenta-se de modo incessante nestes arquivos (dimensão do excesso) e pelo que demonstra uma característica conflitiva entre alguns Segmentos Discursivos (SDs) que movem um desordenamento significativo (dimensão do estranhamento). No exercício de retornar ao arquivo de análise aqui selecionado, pode-se então acionar estas três categorias analíticas articulando um primeiro recorte em direção ao estabelecimento do corpus discursivo de análise.

## **RESULTADOS**

As leituras protocoladas na tabela apresentada no apêndice do trabalho, possibilitou a confecção de uma tabela reduzida de análise dos dados que contempla classificação do periódico, ano de publicação, autoras/es, sede do estudo, delineamento e objetivo do estudo. Estas tabelas permitiram que o pesquisador pudesse visualizar os estudos que constituem a revisão integrativa e que compõem o arquivo de análise que foi analisado partindo de um dispositivo analítico ancorado na teoria da AD de linha francesa. Eis, portanto, os artigos científicos que compõem o arquivo de análise desta pesquisa:

**Tabela 1:** Caracterização de artigos recuperados quanto à classificação, ano de publicação, autoras/es, sede do estudo, delineamento e objetivo (N=10). Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

<b>Artigo</b>	<b>Classificação do periódico</b>	<b>Ano</b>	<b>Autoras(es)</b>	<b>Sede do Estudo</b>	<b>Delineamento do Estudo</b>	<b>Objetivo</b>
A	B4	2019	Anna Lúcia Marques Turriani	Coletivo Margens Clínicas (SP)	Desenho Narrativo de Tópicos	Relatar experiências do Coletivo Margens Clínicas e 'refletir sobre o papel e contribuição da psicanálise no enfrentamento à violência política'.
B	B4	2019	Rafael Alves Lima	Universidade de São Paulo (USP)	Bibliográfico	Realizar uma introdução à história das clínicas públicas, abertas e gratuitas no período entreguerras europeu e relacionar estas primeiras práticas e seus efeitos nas recentes implicações clínicas dos coletivos psicanalíticos no Brasil.
C	B4	2019	Tainá Hilana Oliveira Pinto	Coletivo Psicanálise na Rua - Brasília	Desenho Narrativo de Tópicos	Apresentar de maneira poética a experiência da autora com o coletivo Psicanálise na Rua na cidade de Brasília. Ao longo do texto articula-se excertos da obra "Os obedientes" de Clarice Lispector às proposições freudianas em seu texto de 1921, "Psicologia das Massas e análise do eu".
D	B4	2019	Adriana Simões Marino Augusto Ribeiro Coaracy Neto	Coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt (SP)	Desenho Narrativo de Tópicos	Discutir, a partir da experiência realizada na Praça Roosevelt, na cidade de São Paulo, as possibilidades de ocorrência de uma transferência no trabalho analítico nos espaços públicos. Refletir também sobre o próprio conceito de território e de como as tensões presentes nestes espaços transbordam nas subjetividades que compõem o laço social.
E	B4	2019	Thessa Laís Pires e Guimarães Raoni Machado Moraes Jardim	Coletivo Psicanálise na Rua - Brasília	Desenho Narrativo de Tópicos	Refletir sobre a dimensão sócio-política do sofrimento humano com a proposição de uma densa articulação entre a história de iniciativas da chamada Psicanálise Implicada, estudos decoloniais e críticas a uma psicanálise estandarizada. Também relatar a experiência de Brasília do qual participam e outras como possibilidade de democratização da psicanálise.

F	B1	2018	Heloísa Caldas Clarisse Boechat	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Desenho Narrativo de Tópicos	Debater a questão “Qual será o alcance da psicanálise face ao real da violência que comparece nas ruas de forma tão radicalmente segregada?” através de três experiências de trabalho nas ruas do Rio de Janeiro (Consultório de Rua, Ateliê de Escrita e CAPS AD – III).
G	A1	2017	Miriam Debieux Rosa Ivan Ramos Estêvão Ana Paula Musatti Braga	Universidade de São Paulo (USP)	Bibliográfico	Refletir sobre as possibilidades já em Freud e Lacan de se propor um atendimento psicanalítico para as massas. Na segunda parte, desenvolve sua ideia de clínica-política onde é a dimensão política do sofrimento nas cidades que convoca a psicanálise a propor trabalhos que ultrapassem os muros dos consultórios.
H	B3	2017	João Elias Cury Júnior Silvio José Benelli	Faculdade de Ciências e Letras – UNESP-Assis	Desenho Narrativo de Tópicos	‘Mostrar que o favorecimento de construções narrativas pode levar o sujeito a reposicionar-se diante do seu sofrimento e o entorno’, a partir do relato de experiência no trabalho com catadores de material reciclável, o autor propõe com base na teoria freudolacaniana.
I	B2	2016	Magda Guimarães Khouri Oswaldo Ferreira Leite Netto	Sociedade Brasileira Psicanálise de São Paulo (SBPSP)	Bibliográfico	“Pensar em práticas psicanalíticas ‘a céu aberto’ como possibilidade de escuta analítica voltada àqueles comumente hostilizados ou até ignorados em sua invisibilidade, provocada por um sistema que exclui pessoas” e articular a isto o conceito de abjeto em Judith Butler.
J	B2	2016	Ligia Todescan Lessa Mattos; Beatriz da Motta Pacheco Tupinambá; Cristina Maria Kurkdjian; Regina Elizabeth	Sociedade Brasileira Psicanálise de São Paulo (SBPSP)	Desenho Narrativo de Tópicos	Apresentar a partir da experiência em uma instituição psicanalítica associada à International Psychoanalysis Association (IPA) os impasses, dificuldades e resultados da implantação da Diretoria de Atendimento à Comunidade na SBPSP a partir do conceito de “responsabilidade social”.

Lordello  
Coimbra;

Sonia Maria  
Camargo  
Marchini;

Tania Mara  
Zalberg

---

Nesta tabela se apresentam os dez artigos estudados neste trabalho. Atenta-se primeiramente ao fato de que cinco dos dez artigos selecionados são pertencentes a um dossiê publicado no periódico *Teoría y Crítica de la Psicología* sobre a psicanálise implicada nas ruas e praças brasileiras. Dois deles pertencem ao periódico *Jornal de Psicanálise*, publicação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) instituição ligada à International Psychoanalytical Association (IPA). Além disto, três são oriundos de pesquisas realizadas em três universidades brasileiras: USP, UFRJ e UNESP.

Sobre o delineamento dos estudos, marca-se que em sua maioria são configurados como Desenho Narrativos de Tópicos a partir da definição de Sampieri, Collado e Lucio (2013) onde nos desenhos narrativos “o pesquisador coleta dados sobre as histórias de vida e experiências de algumas pessoas para descrevê-las e analisá-las” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p.509). Além disto, três pesquisas são compreendidas a partir de um delineamento bibliográfico, cujas fontes não foram as experiências dos pesquisadores em si, mas as fontes bibliográficas estritamente. As implicações sobre o que há de pré-construído ao olhar para esta tabela a partir das origens dos trabalhos, autoria, delineamento das pesquisas e objetivo dos estudos serão discutidas a seguir.

## **DISCUSSÃO**

### **A FALTA COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA**

No que tange a dimensão da falta, percebe-se com a leitura flutuante dos artigos selecionados que não aparece na superfície textual do arquivo de análise alguma reflexão sobre os atravessamentos entre a formação universitária das(dos) autoras(es) e sua formação enquanto

analistas<sup>7</sup>. E isto importaria na medida em que a discussão sobre a presença do saber psicanalítico nas universidades está presente desde Freud em seu texto de 1919 intitulado “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades” (1996 [1919]) onde afirma que “a inclusão da psicanálise no currículo universitário seria sem dúvida olhada com satisfação por todo psicanalista. Ao mesmo tempo, é claro que o psicanalista pode prescindir completamente da universidade sem qualquer prejuízo para si mesmo” (FREUD, [1919] 1996, p. 107). Rosa (2001) sustenta que o próprio ensino de Lacan passa por uma modificação quando da cisão com o IPA, no ano de 1964, quando seus seminários passam a ser oferecidos na Ecole Normale Supérieure (ENS) em Paris. Isto não significa que Lacan passa a ocupar a posição de professor universitário, mas que seu ensino passa a repercutir também no meio acadêmico. Além disso, a autora lembra que Jean Laplanche, que passou por movimento semelhante ao de Lacan na década de 1960, aponta algumas das tensões entre psicanálise e universidade.

Entre as diversas questões apontadas pelo autor como responsáveis pela dificuldade da entrada da Psicanálise na Universidade, destaca o grande número de publicações que apresentam um campo psicanalítico atravessado por escolas que defendem posições divergentes, tornando difícil para o aluno a formulação de uma perspectiva própria. Além disso, coloca-se também a questão de ensinar a não analisados e, ainda, a necessidade de considerar a diferença entre ensino e transmissão. (ROSA, 2001, p.190)

Lendo os artigos selecionados para esta pesquisa nota-se em alguns deles a procura por mobilizar teorias que vão além da psicanálise freudolacaniana. Autores da filosofia, dos estudos decoloniais, do materialismo histórico-dialético são muitas vezes conclamados na tentativa de justificar uma versão da psicanálise agora mais voltada ao social o que chega a eclodir na expressão “psicanálise social” no artigo de Guimarães e Jardim (2019, p.331). É certo que desde Freud, como também em Lacan o diálogo entre psicanálise e as demais áreas do saber sempre foi profícuo e produtivo. Contudo, estes autores sempre buscaram o apoio em outras áreas para que a teoria psicanalítica avançasse sempre a partir de seus próprios conceitos fundamentais. O que aqui se critica a partir do que foi lido nestes artigos, é a tentativa de se justificar alterações no manejo clínico psicanalítico baseando-se em posições teóricas que servem a outros propósitos, como por exemplo, a luta (legítima e importante) nos movimentos sociais. A partir

---

<sup>7</sup> Todas(os) as(os) autoras(es) possuem ou possuíram contato com algum tipo de formação acadêmica. Isto pôde ser constatado a partir buscas realizadas na Plataforma Lattes e no Regimento da Seleção de Pretendentes à formação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) ao versar que “de acordo com o Art. 2º do Regulamento do Instituto de Psicanálise “Durval Marcondes” da SBPSP, doravante referido como Regulamento, o pretendente à Seleção deverá ser graduado em Medicina ou em Psicologia, devendo estar habilitado para o exercício profissional perante o respectivo Conselho de Fiscalização profissional na data de sua inscrição”. Fonte: <http://www.sbpsp.org.br/formacao-psicanalitica/processo-de-selecao.html>, acesso em 24/10/2019 às 14h07.

disto, pode ser pensado a partir do não-dito no arquivo de análise, daquilo que falta, quais são as condições de produção em que os artigos selecionados foram escritos. Chega-se assim a conclusão que estes artigos pertencem a uma temporalidade recente (2016-2019) e que coincide com o pós-Golpe Jurídico-Parlamentar-Midiático-Civil de 2016<sup>8</sup>.

Este golpe à democracia é fruto de um processo que ocorre mais incisivamente desde 2013 no Brasil, correspondente à intensificação do clamor por uma parcela da sociedade brasileira a enunciar seus valores calcados em um conservadorismo-moralizador que reivindica entre outras coisas, a volta dos militares ao poder, a facilitação ao porte e posse de armas pelos cidadãos, o fechamento do Congresso e do Superior Tribunal Federal, etc. Tal radicalização em um discurso autoritário é também mobilizado pela instabilidade refletida na economia brasileira nesta década, promovida pelo capitalismo de mercado e propagado pela grande mídia, estimulando um sentimento “anticorrupção” no “brasileiro médio”<sup>9</sup>.

Dunker (2009) demonstra que tudo isto geralmente desemboca em uma fantasia do tipo “existe alguém que está roubando o meu gozo” ou “só não sou mais feliz ou rico porque há um Outro que está me furtando”. Logo, uma vez localizado, este Outro precisa ser cercado, murado, preso, excluído. Estes que andam por aí a proferir seu ódio fantasioso geralmente elegem alguns grupos na tentativa de localizar o “gozador com o que é meu de direito enquanto cidadão de bem” e que deveria segregar, denunciar e anular socialmente. Grupos minorizados como os negros, as pessoas em condição de miséria ou situação de rua, os dependentes químicos, os grupos LGBTQ+ e as mulheres são cotidianamente alvos da violência propagada por tais pessoas seja nas ruas ou virtualmente.

Há também um discurso que se volta contra os artistas, professores, cientistas, pesquisadores, ONGs, e defensores dos Direitos Humanos que, de acordo com a fantasia do autoproclamado cidadão de bem, estariam gozando com o dinheiro do pagador de imposto

---

<sup>8</sup> Diversos trabalhos sustentam o entendimento de que o processo de Impeachment sofrido pela então presidenta Dilma Rousseff no ano de 2016 foi, na verdade, um golpe de Estado que se utilizou de brechas nos mecanismos institucionais com o intuito de solapar a regularidade democrática no país. Cf. entre outros: Mattos; Bessone & Mamigonian (2016), Bercovici (2016), Freire et al. (2016) e Dias (2018).

<sup>9</sup> A noção de brasileiro médio que aqui adoto faz coro ao que versa o sociólogo Jessé Souza (2017), diferindo-se um pouco da noção comumente aceita a partir dos trabalhos de Sergio Buarque de Hollanda e Roberto DaMatta de que esta camada da sociedade seria pouco escolarizada e, portanto, sem formação suficiente para ter a chamada “consciência de classe”. Souza (idem) na verdade marca que esta classe média é hoje em dia escolarizada, principalmente em razão das oportunidades oferecidas nos últimos 30 anos por governos sociais-democratas. Além disto, tiveram aumento na renda e acesso ao mercado de consumo. Contudo, esta classe alia-se a chamada elite financeira do país e se volta contra pessoas mais pobres funcionando como “capatazes modernos” na atualidade. Este é o típico brasileiro que se ancora no discurso da meritocracia e reafirma a cada tweet sua superioridade moral. Assim é “não só a classe que “merece” o que tem por esforço próprio, conforto que a falsa ideia da meritocracia propicia; mas, também, a classe que tem algo que ninguém tem, nem os ricos, que é a certeza de sua perfeição moral”. (SOUZA, 2017, p. 96-97)



(todos somos) seja pelos mecanismos de isenção fiscal como a Lei Rouanet, pelas bolsas de pesquisa oferecidas como fomento por agências como CNPq e CAPES ou fundos e premiações de incentivo ao desenvolvimento humano/ambiental.

Este contexto sócio-histórico marca portanto o que há de pré-construído e atua no plano do interdiscurso, elementos que possibilitam às(aos) autoras(es) dos artigos a produção destas materialidades. Além disto, pode-se analisar a dupla dimensão discursiva em que as(os) autoras(es) põem em movimento nas textualidades pesquisadas ora ocupando discurso científico, ora o psicanalítico. Se por um lado, esta relação atua como uma memória discursiva, tendo em vista que já em Freud e Lacan tiveram de lidar com os impasses e atravessamentos entre psicanálise e universidade, por outro parece haver uma necessidade em dotar o campo psicanalítico de certa cientificidade.

Isto importa no gesto de interpretação sobre aquilo que não está dito, o que falta no arquivo de análise, pois há diferenças entre o Discurso do Analista e o Discurso Universitário como aponta Lacan no Seminário 17 (2005). Lacan propõe como tema para suas falas neste Seminário a produção dos quatro discursos que se articulam na experiência analítica. O analista francês entende como discurso a forma como o laço social se representa em uma estrutura sem palavras, marcada pelo Real da linguagem. Partindo da ideia de que há uma estrutura significante onde o discurso se funda, para o analista francês é na linguagem que o Sujeito e suas relações sociais se ancoram. O modo semovente como os significantes se encadeiam produz o discurso. Neste seminário, portanto, Lacan demonstra quatro configurações da cadeia significante que produzem um sem-número de efeitos a partir do inconsciente em sua estrutura de linguagem. Tais configurações são chamadas por Lacan de Discurso do Mestre, Discurso da Histórica, Discurso do Universitário e Discurso do Analista. Estes quatro discursos além de um quinto, o Discurso Capitalista, estruturam as regras que compõem o jogo presente no laço social.

Compondo sua teoria sobre os discursos, Lacan aponta que há lugares fixos na estrutura discursiva que são postos em ação a partir do giro dos significantes e produzem as diferenças discursivas acima apresentadas. Estes lugares são o lugar do agente que é a dominante do discurso, o lugar do outro, ou seja, do dominado no discurso, o lugar da verdade, que sustenta o agente mas é sempre parcial e, por fim, o lugar da produção do discurso, que marca os efeitos que o discurso produz. Além destes quatro lugares fixos, Lacan demonstra quatro letras que a cada quatro de giro na estrutura discursiva produzem efeitos discursivos diferentes. Tais letras são o Significante Mestre ( $S^1$ ), marca da Lei, o Saber ( $S^2$ ), o Sujeito barrado ( $\$$ ) cindido no

inconsciente pela falta e o 'a' que é o objeto que o sujeito nunca possuiu, mas que é dado como perdido. (DIAS, 2017)

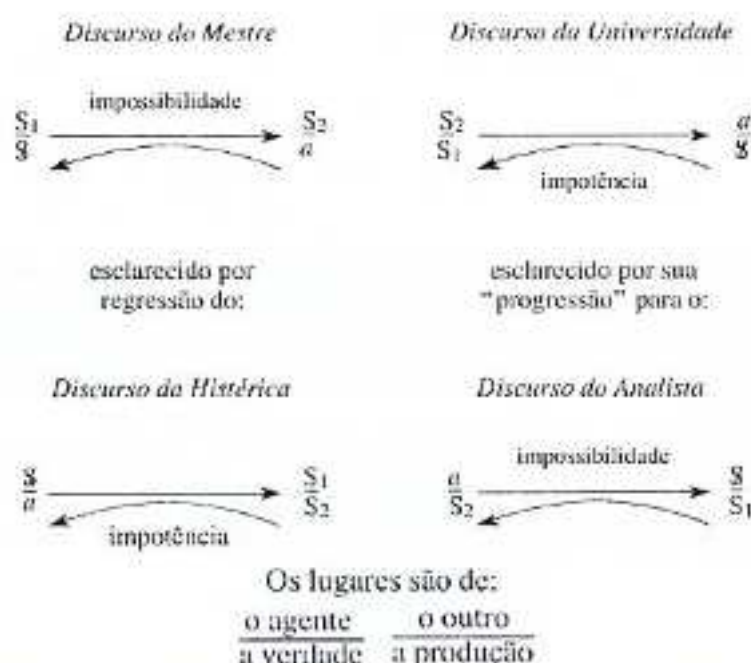


Figura 1: A estrutura apresentada por Jacques Lacan em Radiofonia (2006 [1970]).

Cada um destes discursos liga-se a um fazer que é da ordem de uma impossibilidade ou de uma impotência. Os discursos que se sustentam a partir de uma impossibilidade são o do Mestre e o do Analista. Estas impossibilidades estão ligadas àquilo que Freud debate em seu texto "Análise terminável e interminável" (1969 [1937]) quando discute os chamados ofícios impossíveis ao refletir que "quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões 'impossíveis' quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito mais tempo, são a educação e o governo" (FREUD, 1969 [1937], p.161).

Ao lado dos fazeres impossíveis presentes no Discurso do Mestre (governar) e do Discurso do Analista (psicanalisar), Lacan adiciona que há uma impotência relacionada ao Discurso da Histórica (fazer desejar) e do Discurso Universitário (educar). A impotência do Discurso Universitário localiza-se de um lado pela posição em que o Significante Mestre ( $S_1$ ) assenta-se no lugar da verdade, ao passo que o conhecimento representado pelo Saber ( $S_2$ ) está localizado como o agente do discurso. Ou seja, o saber no Discurso Universitário sempre alude à uma verdade anterior que estaria lá onde deveria encontrar-se o saber insabido do inconsciente. Neste discurso, o Sujeito ( $\$$ ) ocupa o lugar de produção e o Objeto  $a$  o lugar do

outro. O que o Discurso Universitário tende a produzir é um aluno que se encontra na posição outra de objeto e não de sujeito de seu próprio discurso. O Discurso do Universitário é muitas vezes também tomado como um discurso do burocrata ou discurso burocrático, ao passo que o Sujeito nunca se responsabiliza por seus atos já que está sempre remetendo seu desejo ao Outro que se encontra na posição de portador de uma verdade. Lacan (2005) critica este discurso ao passo que ele coloca o sujeito na ordem de uma fantasia ao sustentar um mito imaginário.

O mito do Eu ideal, do Eu que domina, do Eu pelo qual alguma coisa é pelo menos idêntica a si mesma, a saber, o enunciador, eis precisamente o que o discurso universitário não pode eliminar do lugar onde se acha a sua verdade. De todo enunciado universitário de uma filosofia qualquer, mesmo aquela que se poderia etiquetar como sendo-lhe a mais oposta, a saber, em se tratando de filosofia, o discurso de Lacan -, surge irredutivelmente a Eu-cracia. (LACAN, 2005 [1969-1970] p.59)

Há sempre, portanto, um tensionamento entre o Discurso Universitário e o Discurso do Analista. Isto se coloca pois, diante da impossibilidade de psicanalisar como já marcava Freud, o analista faz semblante de Objeto a no lugar de agente do discurso. Nesta posição, o analista apenas dá conta de promover pequenas intervenções a partir dos significantes ( $S^1$ ) que o Sujeito produz em análise. Logo, a única aposta do analista é de que haja em Sujeito (\$) na posição de outro que possa colocar-se em relação a um Saber ( $S^2$ ) inconsciente, lá onde se localizaria uma suposta verdade. Diferentemente do Discurso Universitário que faz a roda dos significantes girar em torno da objetividade, o Discurso do Analista faz uma aposta justamente na subjetividade que produz um discurso a partir do inconsciente.

No contexto recente, as universidades buscam ir além do objetivismo empirista e, principalmente, os currículos de cursos de Psicologia privilegiam discussões que contemplam além dos aspectos biológico e psicológico, o social como campo de relações afetivas, familiares e de poder. As disciplinas que atendem a dimensão social da Psicologia lançam então um olhar para o sofrimento ético-político dos segregados, excluídos e pauperizados. De algum modo, isto parece influenciar em certa medida as autoras(es) dos artigos ao passo que caminham moebianamente entre o Discurso do Universitário (principalmente na perspectiva da produtividade de pesquisas acadêmicas) e do Discurso do Analista, ao mobilizar o avanço da teoria psicanalítica e ao emprestar corpo e escuta nas ruas. No trânsito entre estes âmbitos, estes discursos que se apresentam no arquivo aqui analisado parecem também se contrapor ao discurso autoritário que rechaça tanto a ciência, quanto a escuta das subjetividades excluídas.

O EXCESSO DA DIALÉTICA E A IMPLICAÇÃO DA PSICANÁLISE

Tomando agora como estratégia para a análise discursiva dos artigos selecionados a dimensão do excesso como apresentado por Ernst-Pereira (2009), a ideia agora é observar o que aparece em demasia no discurso e é reiterado muitas vezes nestes artigos. Aqui o que transborda como excesso nas materialidades estudadas e as colocam em relação intradiscursiva é primeiramente a ideia de que há uma psicanálise feita nos consultórios privados e outra feita nas ruas. Em relação a isto foi selecionado o SD1 “*escutar na rua é muito diferente de escutar no consultório*” (PINTO, 2019, p.374) que remete discursivamente a diferenciação entre a noção novamente de público e privado, universal e particular, já debatidos aqui no início do trabalho. Nesta direção, também caminha o seguinte SD2: “*numa palavra, queremos uma psicanálise dialética*” (GUIMARÃES; JARDIM, 2019, p.334).

Neste ponto, interessa analisar ideologicamente as condições de produção e seleção dos artigos que compõem o arquivo da pesquisa para compreender qual o funcionamento discursivo que portam alguns SDs. Dos dez artigos selecionados, cinco<sup>10</sup> deles pertencem a um dossiê intitulado *La experiencia brasileña de psicoanálisis en la calle (contribuciones invitadas)*<sup>11</sup> publicado no primeiro semestre deste ano na revista *Teoría y Crítica de la Psicología*, um periódico pertencente a Facultad de Psicología de la Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo localizada no México. Este periódico é dirigido por David Pavón Cuéllar, professor da instituição e filósofo cuja obra é conhecida justamente por aproximar a psicanálise do marxismo. O número atual do periódico e subsequente ao que abriga os artigos aqui selecionados é intitulado *Psicoanálisis y marxismo*, por exemplo. Três artigos foram publicados em periódicos de Psicologia, a saber: *Subjetividades*, *Psicologia em Estudo* e *Revista de Psicologia da UNESP*<sup>12</sup>. Dois artigos foram publicados no *Jornal de Psicanálise*, uma publicação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), instituição ligada a *International Psychoanalysis Association (IPA)*<sup>13</sup>.

O que pode ser elaborado a partir deste gesto de interpretação é que há um atravessamento institucional nos discursos presentes nos artigos que vai além do já elaborado aqui no que diz respeito a relação das(os) autoras(es) com o discurso científico. Saber que uma publicação tende ao diálogo com a teoria marxista, três pertencem ao campo da psicologia e uma delas é filiada a uma instituição psicanalítica que, de certo modo, faz uma leitura hermética

---

<sup>10</sup> Artigos A, B, C, D e E da tabela 1.

<sup>11</sup> A experiência brasileira de psicanálise na rua (contribuições convidadas) em tradução livre.

<sup>12</sup> Artigos F, G e H da tabela 1 respectivamente.

<sup>13</sup> Artigos I e J da tabela 1.

dos conceitos freudianos indica possibilidades para analisar o funcionamento discursivo e ideológico presente nos artigos selecionados.

Ocorre que ainda que dialogando com epistemes diferentes, há um diálogo interdiscursivo que tece uma costura entre os textos e alcança as SDs acima selecionadas. Tal diálogo passa pela ideia de que haveria uma dialética psicanalítica, que separaria o mundo objetivo e o subjetivo, o universal e o particular, o individual e o social, teoria e prática e, claro, o atendimento no consultório e o nas ruas. Contudo, faz-se aqui um esforço discursivo – e claro, ideológico – em mobilizar a partir do discurso psicanalítico uma análise mais aprofundada sobre o Real presente na experiência analítica e que ultrapassa estas categorias dicotômicas construídas de modo imaginário.

Dizer “uma psicanálise dialética” implica em questionar se haveria uma outra psicanálise que não atenderia aos desafios contemporâneos. Se uma psicanálise é dialética, haveria uma outra que não fosse? Que psicanálise seria esta? Mas também abre a pergunta a qual dialética estariam reportando estas textualidades? Não pretende-se aqui adentrar a uma discussão filosófica intensa sobre este conceito. Apenas vale colocar que Abbagnano (2007) apresenta ao menos quatro movimentos importantes sobre este conceito na filosofia: um realizado desde Platão, outro em Aristóteles, depois com os estoicos e, finalmente, em Hegel. Mas também demonstra o autor que o próprio Marx estabelece uma nova dobra neste conceito que, basicamente, a partir de Hegel é conhecido pela busca racional de uma síntese dos opostos. Isto é, o espírito e a história seriam constituídos no movimento em que uma afirmação (tese) é confrontada com uma negação (antítese) e tendem a uma unidade (síntese).

Por outro lado, a noção de Dialética foi utilizada por Marx, Engels e seus discípulos no mesmo sentido atribuído por Hegel, mas sem o significado idealista que recebera no sistema de Hegel. O que Marx censurava no conceito hegeliano era que a Dialética, para Hegel, é consciência e permanece na consciência, não alcançando nunca o objeto, a realidade, a natureza, a não ser no pensamento e como pensamento. (ABBAGNANO, 2007, p.273)

Seja pela acepção hegeliana enquanto abstração do pensamento racional, seja como materialização da libertação do proletariado a partir da luta de classes, o movimento dialético esbarra na noção de inconsciente para a psicanálise. A dialética de Hegel parece estar filiada ao “penso, logo sou” cartesiano ao que Lacan vai subverter a lógica e reescrever propondo o “sou onde não penso”. O inconsciente não comporta um saber racional pois este é desde sempre da ordem do imaginário totalizante e apaziguador. Há uma negatividade radical inconsciente que “não cessa de não se escrever” (LACAN, 1985, p.127). Isto é, o Real que a dialética seja na concepção hegeliana, seja na apropriação marxista não dá conta.

Para a ciência, o cogito marca, ao contrário, o rompimento com toda certeza condicionada na intuição. E a latência buscada desse momento fundador, como *Selbstbewusstsein*, na sequência dialética de uma fenomenologia do espírito, por Hegel, assenta-se no pressuposto de um saber absoluto. Tudo demonstra, ao contrário, na realidade psíquica, como quer que se ordene sua textura, a distribuição – heterotópica quanto aos níveis e errática em cada um deles – da consciência. [...] A denegação inerente à psicologia nesse ponto, seguindo Hegel, deveria ser antes posta na conta da Lei do coração e do delírio de presunção. A subvenção recebida por essa presunção perpetuada, nem que seja sob a forma das honrarias científicas, levanta a questão de onde fica o bom bocado de seu proveito; ele não pode reduzir-se à edição de tratados mais ou menos copiosos. A psicologia é veículo de ideais: nela, a psique não representa mais do que o patrocínio que a faz qualificar de acadêmica. O ideal é servo da sociedade. Um certo progresso da nossa o ilustra, enquanto a psicologia não apenas contribui para as vias como se submete aos anseios do estudo de mercado. (LACAN, 1998 [1960/64], p.845-846)

O que Lacan procura marcar neste excerto pode auxiliar na reflexão sobre a busca por “uma psicanálise dialética” como salta da SD selecionada. Se a psicanálise se aproximar da reflexão dialética, torna-se mais uma psicologia, que para Lacan é “veículo de ideais”. Assim, a psicanálise tenderia a voltar ao que fora feito dela principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, tornando-se uma psicologia do ego. Ao psicanalista só serve uma ética que é a do desejo. Este desejo inconsciente que é atemporal, atópico e portador de contradições e do impossível. É bem verdade que Lacan (1998 [1951]) em seus Escritos também chega “em síntese, a psicanálise é uma experiência dialética” (LACAN, 1998[1951], p.215). Contudo, vale mencionar que esta compreensão se dá nos termos de que, se há algo de dialético em psicanálise, é justamente o lugar de Sujeito Suposto Saber em que o analisante põe o analista na transferência pelas vias de seu desejo.

Por isto, seja nas ruas ou no consultório, não cabe ao analista nem a construção de sínteses apaziguadoras ou harmonizantes, nem a libertação da opressão social pelas vias clínicas. Como alerta novamente Lacan, o que estas intervenções idealizantes escondem muitas vezes é uma espécie de tendência a adequação do sujeito em uma lógica de mercado. Ou seja, que se torne um ser “melhor”, “mais produtivo” ou “menos alienado”.

A aposta que a psicanálise faz é a de que o sujeito possa encontrar uma saída para o seu gozo sintomático a partir de um saber inconsciente. E é isto que desafia o campo psicanalítico à escuta das subjetividades no mundo contemporâneo. Tal necessidade leva a outras implicações clínicas, possibilidades e diferenças que ocorrem entre o trabalho do analista feito tradicionalmente entremuros, ou seja, na relação analista-analisante da transferência nos consultórios em relação a modos contemporâneos de elaboração da experiência analítica, no que Jean Laplanche (1992) nomeia “psicanálise extramuros”.

Este autor compreende que a psicanálise nunca foi matéria restrita à clínica psicanalítica, mas que desde Sigmund Freud, há uma relação transindividual entre a psicanálise e a cultura. Primeiro, por ser a própria teoria e clínica psicanalíticas produtos de um contexto sócio-histórico que possibilitou sua expressão. Também pela utilização feita por Freud de elementos da cultura para articular a teoria e a prática psicanalítica em textos como *Moisés, O futuro de uma ilusão*, *Totem e Tabu*, *Mal-estar na cultura*, entre outros. Entende Laplanche (1992) que este não seria um saber acessório para a psicanálise, mas reflete parte importante da produção textual freudiana.

O termo utilizado no texto de Laplanche marca uma diferença com outro utilizado pelo próprio Freud, “*psicanálise aplicada*” (*angewandte Psychoanalyse*). Para Mezan (2002) há que se ir além da mera divisão que é comum no meio psicanalítico entre o que seria a psicanálise pura, isto é, aquela praticada nos consultórios particulares e a aplicação de conceitos da teoria psicanalítica a questões que ultrapassariam a clínica, invadindo o terreno da cultura. Mezan aponta que em textos freudianos hoje considerados por muitos psicanalistas como psicanálise aplicada, encontram-se algumas das melhores elaborações do autor vienense sobre a neurose obsessiva em *Totem e Tabu* ou sobre o método psicanalítico como na *Gradiva* de Jensen.

Laplanche (1992) aponta – como também Lacan já havia feito – que o termo aplicação pode sugerir equivocadamente que a psicanálise seria portadora de algum saber pronto e acabado a priori, e que este suposto saber poderia aplicar-se de maneira indiscriminada a qualquer aspecto da cultura. Alerta também que a psicanálise não pode ser exportada para “qualquer lugar” e, principalmente, que nem tudo aquilo que faz enlace para fora do campo estritamente teórico-clínico psicanalítico é da ordem da psicanálise extramuros. Por fim, Laplanche põe em jogo o aspecto de um Real que se impõe quando se fala no trânsito entre psicanálise e cultura. Diz o autor que a psicanálise “como modo de ser, invade o cultural. A psicanálise é um imenso movimento cultural e, neste sentido, é o conjunto da psicanálise que se dirige para fora-dos-muros” (LAPLANCHE, 1992, p.12).

Apelando novamente a uma memória discursiva da psicanálise, Freud já anunciava quando do V Congresso Internacional de Psicanálise de Budapeste, em setembro de 1918, que a psicanálise “deveria ser acessível também à grande multidão, demasiado pobre para reembolsar um analista por seu laborioso trabalho” (FREUD, 2010 [1918]). O que se sabe é que logo após a explanação freudiana em Budapeste, ocorre um movimento de alguns psicanalistas austro-húngaros e germânicos (Anton von Freund, Max Eitingon, Ernst Simmel e Karl Abraham) para pôr em prática a ideia de uma Policlínica de Psicanálise. Esta é inaugurada

no ano de 1920 em Berlim e tinha como intenções por um lado a formação de psicanalistas e, por outro, o atendimento gratuito de pacientes que não tinham condições de pagar pelo tratamento. Este empreendimento, que hoje pode ser conhecido em tempos posteriores como “clínica-escola”, foi então a primeira experiência em psicanálise de um modelo de clínica aberta com debate em um dos artigos Lima (2019).

Se a preocupação de levar a psicanálise às massas nasce em Freud a partir do cenário devastador em que a Primeira Guerra Mundial pôs a sociedade europeia no começo do século XX, hoje também estamos em guerra. Uma guerra que fenomenologicamente difere das duas grandes guerras mundiais. Certamente, no contexto brasileiro esta guerra é física e causa horror principalmente a população negra e pauperizada das periferias, mas vivemos também uma guerra discursiva e esta atinge a todos como demonstra Korybko (2015).

Em 1989, William Lind coescreveu um artigo na Marine Corps Gazette que previu como seria a próxima geração de guerras. Identificadas como Guerras de Quarta Geração, ele previu que elas seriam mais fluidas, descentralizadas e assimétricas do que as guerras do passado. Quando examina-se a explosão na atividade de atores desvinculados do Estado desde o fim da Guerra Fria, o prognóstico de Lind parece correto. Esse tipo de guerra também corresponde ao estilo de Guerra Não Convencional, o que significa que a ascensão desta pode ser vista como uma consequência direta das Guerras de Quarta Geração. Lind também previu que haveria maior ênfase na guerra da informação e em operações psicológicas. (KORYBKO, 2015, p.16-17)

Esta guerra discursiva, atualmente, é eliciada por atores globais como Steve Bannon, Robert Mercer (Cambridge Analytica), Vladimir Putin, Donald Trump, entre outros e propagada em redes sociais e na mídia tradicional. Também ocorrem efeitos devastadores no Brasil recente, que há alguns anos lida com os devaneios de Olavo de Carvalho e do clã Bolsonaro e seus seguidores, bem como de uma esquerda ingênua e acrítica. Esta é a guerra que enfrentamos cotidianamente no campo discursivo. Observa-se que o avanço de um discurso de ódio que tenta barrar a consolidação da democracia ocorrida no país na década de 1980, produz também como efeito experiências e práticas de resistência nas micropolíticas sociais como nos tempos de Freud.

Este cenário também atinge o campo das políticas públicas de atenção psicossocial como transparece na Nota Técnica 11/2019 editada pelo Ministério da Saúde. Esta nota mitiga os avanços da Lei 12.016/2001 reincorporando à Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) a ampliação de leitos psiquiátricos em hospitais gerais e a inclusão de Comunidades Terapêuticas no caso de tratamento relativo ao uso abusivo de substâncias químicas. Em contrapartida, assim como na época do período ditatorial brasileiro (1964-1985), alguns psicanalistas como Jorge Broide, Hélio Pellegrino, Eduardo Mascarenhas, Helena Besserman, etc, buscaram contrapor-



se ao regime vigente buscando uma abertura democrática no campo psicanalítico. Hoje, com as iniciativas das chamadas clínicas públicas de psicanálise, vislumbra-se participação semelhante da psicanálise no laço social. Este é o funcionamento ideológico que parece estimular que a psicanálise, fazendo-se a partir de cada analista que “não se autoriza senão por si mesmo, mas eu adicionaria, e de alguns outros” aludindo a Lacan ([1974]/2018 , p.188), ocupe a cena das cidades oferecendo escuta e repensando sua função social.

Uma maneira que recentemente passa a ser utilizada para se referir a esta relação da psicanálise com o laço social encontra-se na expressão psicanálise implicada. Para a psicanalista Miriam Debieux Rosa (2013), uma atitude cidadã do analista coloca-se como questão e desafia os analistas a inserirem-se no laço social em função das exclusões promovidas pelo discurso capitalista numa prática psicanalítica clínico-política. Para Rosa (Idem), a entrada do psicanalista nesta Outra cena urbana tem a ver não com uma aplicação da psicanálise, mas sim com sua implicação na urbe. A psicanálise implicada é, portanto, “aquela constituída pela escuta dos sujeitos situados precariamente no campo social que permite teorizações sobre os modos como são capturados e enredados pela maquinaria do poder” (ROSA, 2013, p.30).

Esta autora também acredita que é preciso que em nosso tempo o psicanalista se implique e enrede-se nas questões concernentes aos modos em que ocorrem os enlaces sociais neste momento da história, tal como o fez Freud no período Entreguerras, que voltou sua atenção aos problemas decorrentes do fim da experiência em que uma guerra lança o sujeito. Então, compreende esta autora que o deslocamento moebiano do analista entre os campos da intensão e extensão é sempre uma constante também no terreno ético-político.

O campo das práticas psicanalíticas clínico-políticas nos põe em contato com situações clínicas que, se não lhes são exclusivas, se destacam. Ou seja, nestas circunstâncias encontramos sujeitos sob o efeito disruptivo da exposição à manifestação violenta da face obscena do Outro e impactados pela angústia em sua dimensão traumática, que muitas vezes é impeditivo da construção de sua demanda ao atendimento clínico (ROSA, 2013, p.3)

Nos últimos anos, começam a tomar corpo no cenário brasileiro ações de escuta promovidas por psicanalistas que levam em consideração esta face ético-política da clínica no contato com a esfera social. Este movimento, ao propor um retorno ao projeto freudiano de ampliar o alcance da psicanálise na cidade frente a um tempo em que o mal-estar assola os sujeitos, instala-se também num momento de crise na contemporaneidade. O desejo de alguns analistas encontra-se implicado nestas experiências que se desenvolvem nomeadas de diversos modos, tais como: clínicas abertas, clínicas públicas, psicanálise na rua, clínica ampliada ou

clínica social. Esses analistas tentam de algum modo propor um barramento simbólico ao que Maliska (2019) nomeia de “acrisevidade na cultura”.

## O ESTRANHO, O (A)PAGAMENTO E A TRANSFERÊNCIA EM PRAÇA PÚBLICA

Com vistas a ampliar a análise acerca do funcionamento discursivo do arquivo de análise selecionado importa agora dar conta do que provoca o estranhamento com o pré-concebido, com o já produzido e pode estar presente tanto no intradiscorso, quanto no interdiscorso. A ideia então é encontrar nas materialidades aqui estudadas elementos discursivos que demonstrem um tensionamento conflitivo, promovendo uma quebra com o que se repete dentro de um regime de verdade. Ao olhar para o que é analisado pela ótica do estranho, o analista pode, segundo Ernst-Pereira (2009), encontrar-se “com a imprevisibilidade, a inadequação e o distanciamento daquilo que é esperado” (p.5). Esta seria, portanto, um modo dialético de entrar em contato com as materialidades em AD.

Duas questões que promovem este efeito de estranhamento ao se observar o arquivo de análise e que dizem respeito a questões fundamentais para a psicanálise são: o manejo do pagamento ou gratuidade das sessões e a transferência em psicanálise. Começando pela primeira questão, foram selecionados dois SDs que revelaram uma tensão entre duas posições divergentes sobre a questão do preço das sessões.

O primeiro segmento está presente em um dos textos que compõem o dossiê publicado em *Teoría y Crítica de la Psicología*. Na busca por aproximar as recentes experiências de psicanalistas brasileiros realizadas em espaços públicos os autores citaram um elemento comum a elas: “são experiências singulares em seus contornos, apostas clínicas e territórios, embora tenham em comum a retirada do dinheiro como pré-condição para uma clínica com o inconsciente” (MARINO; NETO, 2019, p. 354).

Em contraponto, Mattos et al. (2016), num dos artigos cujos autores são filiados a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), apresentou o trabalho realizado no Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) da instituição. Segundo as autoras, este seria uma vertente do trabalho realizado na instituição psicanalítica que representaria a preocupação com a “responsabilidade social” (MATTOS et al., 2016, p.80) conceito que nortearia os trabalhos de escuta social na instituição. Porém, dois segmentos discursivos retirados do artigo demonstram dificuldades em se atingir a população excluída na divisão de classes. O primeiro segmento é o seguinte:

Uma questão que tem trazido preocupação é que apenas 30% das pessoas que se inscrevem para atendimento com a assistente social do CAP (Centro de Atendimento Psicanalítico) são efetivamente encaminhadas para os analistas. O restante, 70% dessas pessoas, não tem condições de arcar com o preço estabelecido pela coordenação para no mínimo duas sessões, podendo chegar a quatro sessões semanais [...] (MATTOS et al., 2016, p.84, grifo do autor)

Neste primeiro SD fica claro que a entrevista que ‘seleciona’ os que podem ou não serem atendidos por um psicanalista não segue uma ética que busca uma demanda de análise no sujeito que procura um atendimento, mas sim uma ética de mercado entre aqueles que podem pagar ou os que não podem pagar um valor pré-fixado anteriormente. Que valor é este? Isto é explicitado no próximo segmento aqui selecionado e apresentado numa nota de rodapé no texto e indexado a partir da palavra ‘preço’ grifada no segmento anterior: “Nota: o valor de R\$ 500,00 mensais é o mínimo proposto pelo CAP. O valor final, que pode ser mais alto, seja para duas ou mais sessões, é acordado entre paciente e analista, após o encaminhamento feito na equipe” (MATTOS et al., 2016, p.85).

Este texto fora publicado no ano de 2016 e fazendo algumas contas rápidas com base em dados oficiais da época chegará a constatar que o valor do salário mínimo naquele ano era de R\$880,00. Segundo a pesquisa do IBGE, PNAD Contínua<sup>14</sup> referente ao rendimento das famílias em 2016, aproximadamente 44,5 milhões de cidadãos viviam com renda média de R\$747,00, portanto, abaixo do salário mínimo. O valor fixo mensal estipulado em R\$500,00 no dito atendimento social da SBPSP representaria para esta faixa da população o comprometimento de 67% de sua renda com os atendimentos psicanalíticos.

Analisando o conflito presente nos excertos selecionados nestas materialidades, percebe-se que ambos se distanciaram do que fora preconizado por Freud no que concerne as questões referentes ao dinheiro numa análise. Colocar aprioristicamente tanto a gratuidade, quanto um valor mensal fixo antes de se escutar qualquer sujeito é justamente um meio de não fazer o dinheiro – seja em excesso ou falta – falar na análise. Sobre isto, Freud já alertava em seu clássico texto “Sobre o início do tratamento” de 1913.

O próximo ponto sobre o qual se deve decidir, no começo de um tratamento, é o dinheiro, os honorários do médico. O analista não contesta que o dinheiro deve ser visto em primeiro lugar como meio de autopreservação e obtenção de poder, mas afirma que **poderosos fatores sexuais estão envolvidos na apreciação do dinheiro. Ele pode lembrar que as questões de dinheiro são tratadas pelos homens civilizados de modo semelhante ao das coisas sexuais, com a mesma duplicidade, falso pudor e hipocrisia. Então ele já está decidido a não fazer igual, a tratar assuntos de dinheiro, diante do paciente,** com a mesma natural franqueza na qual pretende educá-lo em questões sexuais. Ele demonstra ter se desembaraçado ele

<sup>14</sup> Fonte: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101390\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101390_informativo.pdf) . Acesso em 02/11/2019 às 19h30.

mesmo da falsa vergonha, ao comunicar espontaneamente em quanto estima seu tempo. (FREUD; 1980 [1913], p.132, grifo do autor)

É preciso escutar as relações do sujeito com o dinheiro a cada sessão, a cada abertura aos significantes do inconsciente, ou seja, a cada analisante, de um a um. Slemenson (2001) marca que não há sentido comum ao dinheiro em análise. Se o capital representa, metonimicamente, a libido enquanto energia não quantificável da pulsão, o dinheiro enquanto representação do capital precisa ser entendido em sua função significante e não apenas como significado que, como advertido anteriormente, pode ser um para o analista e outro para o analisante.

Posto isto, não deixa de ser pertinente a questão proposta pelos psicanalistas atuantes nos espaços públicos quando propõem pensar se o dinheiro seria a única via de amedramento simbólico da libido no inconsciente. Haveria outra maneira na cultura de se manejar as resistências de cada sujeito fora dos limites do mercado? Figueiredo (2000) ao discutir o paradigma do trabalho do analista em espaços de saúde pública como em ambulatórios, comenta que se encontrou em maus lençóis ao buscar subsídios para sua pesquisa sobre as implicações clínicas da gratuidade no atendimento psicanalítico nestes espaços. Diz a autora que encontrou à época uma “parca literatura psicanalítica sobre dinheiro” (FIGUEIREDO; 2000, p. 98) o que, faltante, a moveu a debater sobre o tema no mesmo trabalho. Suas questões no que concerne ao problema do dinheiro (ou de sua falta) orbitam sobre as implicações do analista estar como assalariado nos serviços públicos e/ou de assistência, o que o impossibilita de estabelecer cobrança pelas sessões. Uma vez que, caso este ato se realize, implica o profissional em questão na prática de crime de improbidade administrativa ou corrupção passiva a depender do caso<sup>15</sup>.

É interessante refletir sobre o modo como a quantia de dinheiro destinada ao pagamento de tributos públicos – e que financia o salário dos servidores, portanto – calcula-se em uma operação invisível. Quando se procura o atendimento numa Unidade Básica de Saúde (UBS) de qualquer município, por exemplo, em geral os usuários não se dão conta que estão pagando o profissional em questão. Ou melhor, a cena do pagamento não é atuada nestes espaços de modo que o paciente não “nota” o gozo perdido da entrega do dinheiro. Esta reflexão é conduzida por Figueiredo (2000) de modo a perceber que aquilo que escapa a significação no registro imaginário sobre a perda de dinheiro (a imagem do suado dinheiro recebido indo para

---

<sup>15</sup> Fonte: <https://www.conjur.com.br/2014-jun-18/cobrar-procedimento-coberto-sus-improbidade-administrativa> . Acesso em 28/04/2019.

outra mão) encontra no simbólico sua morada. A paga simbólica desliza então para um sem-número de possibilidades como, o pagar com o tempo ao perder um turno de trabalho para ir ao analista, deixar os filhos em casa sozinhos desfazendo a asa de proteção, as negociações para conseguir se ausentar do trabalho e chegar a análise, os presentes oferecidos ao analista. Enfim, cada sujeito paga com aquilo não possui e nunca possuiu, i.e., com o que faz semblante de Objeto a, o objeto causa do desejo.

No que tange ao aspecto transferencial, Lima (2019) enxerga a recente e fecunda disseminação destas experiências em clínicas públicas no contexto brasileiro, onde o psicanalista se põe em corpo nas ruas, como um fenômeno que se relaciona não somente ao contexto sócio-político do país, como também do próprio campo psicanalítico. Para o autor, muitos psicanalistas percebem que é preciso um acerto de contas com a história da psicanálise no Brasil, isto é, com uma certa memória discursiva da psicanálise. Este seria um movimento que procura desanuviar a neblina que ainda encobre o tratamento psicanalítico, que seria uma produção “da burguesia para a burguesia” nos termos que já denunciava o psicanalista mineiro Hélio Pellegrino, na década de 1980. Mas, há também outras razões para que tal movimento seja possível atualmente.

Na visão de Lima (2019), há hoje de certo modo descrença no modelo formativo onde as instituições psicanalíticas se conformam como representantes do establishment a definir de maneira centralizadora as estratégias da formação de analistas. Isto pode incorrer em uma maneira rígida na conduta de seus membros mais antigos quando em confronto com novas ideias e modos de se pensar a formação propostos por novos analistas, por exemplo. Mas não só este autor, atravessado por um discurso marxista, percebe tal relação. Mesmo no texto de Mattos et al. (2016), produzido em uma instituição ipeísta isto é trazido à baila.

É preciso considerar que a SBPSP é constituída e mantida por seus membros, em sua maioria mais habituados ao trabalho dentro do setting estrito da psicanálise tradicional. Esse fato, muitas vezes, pode suscitar resistências às atividades voltadas para o público externo. Por um lado, torna-se necessário que essas atividades sejam divulgadas dentro da instituição e seus propósitos expostos para que venham a ser compreendidos por seus membros. Por outro lado, essas mesmas atividades, distantes das práticas habituais dos psicanalistas, pedem especial atenção de todos os que são responsáveis pelo seu planejamento e execução para que se mantenham fiéis aos fundamentos da psicanálise e não derivem para campos deles distantes. (MATTOS et al., 2016, p.87)

O segundo motivo que compõe o terreno para o surgimento das clínicas públicas seria a falta de uma figura que represente a imago de um suposto grande mestre nos dias de hoje, como foram em outros momentos Freud e Lacan. Desta forma, lidando numa transferência simbólica com o discurso destes psicanalistas e não de modo imaginário com suas presenças, parece haver a possibilidade de se ampliar o saber-fazer a partir daquilo que produziram, permitindo que se criem novas estratégias para manter a causa psicanalítica em relação e presente no contexto contemporâneo. Por fim, a “marginalidade” que a psicanálise ocupa no Brasil em relação ao mundo pode também propiciar novos caminhos de se fazer com ela. A marginalidade aqui é compreendida em relação as experiências de outros países, principalmente os europeus, que já possuem um lastro histórico de experiência em clínicas abertas, as chamadas policlínicas ou ambulatorios que se espalharam pela Europa no período entreguerras. Por terem as experiências semelhantes no Brasil sido poucas e tímidas até aqui há, portanto, a possibilidade de se ocupar este lapso com a proposição de novas práticas que caminhem nesta direção.

É preciso perceber, contudo, que se é verdade que hoje em dia há diversas práticas que tem experimentado a escuta psicanalítica colocada em uma relação extramuros, é preciso distinguir também que estas experiências não são homogêneas, fazendo-se necessário discutir as semelhanças e as diferenças entre elas. Mesmo a nomeação estabelecida em cada iniciativa reflete qual o pensamento que constitui as diferentes experiências em torno dos procedimentos adotados no atendimento à população.

Guimarães (2018), um dos idealizadores da Clínica Pública de Psicanálise da Vila Itororó em São Paulo, revela que a escolha pelo termo público, nesta experiência, especificamente, diz respeito a uma posição política de propor, por meio do trabalho psicanalítico, que a vítimas de exploração e violência por parte do Estado e do mercado possam elaborar este sofrimento através da escuta por associação livre na clínica. A proposta desta Clínica Pública seria então “uma forma de pensar a dimensão pública como espaço se não de reparação, ao menos de explicitação das contradições da nossa vida social” (GUIMARÃES, 2018, on-line).

Marino, Coaracy e Oliveira (2018) discutiram por sua vez que a escolha do nome de uma experiência clínica psicanalítica nas cidades se relaciona também com o método de trabalho adotado. Neste ponto, há uma diferença no manejo clínico realizado na Clínica Pública de Psicanálise da Vila Itororó – citada acima – e nas Clínicas Abertas de Psicanálise em suas unidades Casa do Saber e Praça Roosevelt, ambas também ocorrendo na capital paulista.

Enquanto na Clínica Pública mantém-se a clássica concepção de trabalho que consiste na designação de um analista para cada caso, nas Clínicas Abertas o que ocorre é que o demandante de análise é atendido a cada semana “por algum analista de um grupo de analistas” (MARINO; COARACY; OLIVEIRA, 2018, on-line). Isto não impede que o analisante possa eventualmente encontrar o analista da semana anterior em uma outra consulta, mas a ideia é que o coletivo de psicanalistas disponíveis não forme uma totalidade imaginária. Privilegia-se, deste modo, a fórmula  $n+1$ , onde  $n$  é um número de analistas mais um, respeitando o um a um, caso a caso, sujeito a sujeito, o que sugere a psicanálise. Por outro lado, pode-se pensar que esta “circulação de analistas” desprivilegia a transferência do analisante com o Um que se destaca do grupo, coletivo significativo do Outro. Ou seja, ainda que a transferência possa se estabelecer com o serviço oferecido pelo coletivo de analistas, é com apenas um destes analistas que as repetições que marcam as atualizações do sintoma irão ocorrer e poderão serem manejadas.

Broide (2019) comenta que independente da forma como ocorre o manejo clínico, que depende de cada contexto em que determinada experiência se encontra, importa que não se faça uma mera transposição do espaço clínico do consultório para a rua, devendo sempre estes novos dispositivos clínicos pautarem-se pelos quatro conceitos fundamentais da psicanálise: inconsciente, sublimação, repetição e pulsão (BROIDE, 2019).

Analisando os artigos que compõem o arquivo de análise a partir da dimensão do estranhamento, percebe-se que dialogam em parte com o discurso marxista, o que conduz parte das autoras(es) a uma ação coletiva que interfira na realidade brasileira tão caótica através de uma escuta psicanalítica. Por outra parte, há um discurso normativo presente nos textos produzidos no contexto de uma instituição psicanalítica que se afastou por uma ortodoxia na leitura freudiana, dos ensinamentos do próprio Freud. Há também um atravessamento do discurso científico e psicologizante quando se propõem pesquisas que almejam que a presença de um “psicanalista dialético” nas ruas possa – ainda que brevemente – atenuar o sofrimento ético-político exposto nas ruas do país através de uma espécie de catarse imaginária.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Colocar um ponto final em um trabalho é sempre um exercício de violência da linguagem. Claramente, este texto permanece manquitolando entre uma revisão de literatura, uma fugaz tentativa de analisar discursivamente alguns textos e, de certa forma, também procura minimamente articular-se com a teoria psicanalítica. Certamente, ao tentar alcançar três

propósitos não fez bem nenhum deles. Ao invés de um sucesso acadêmico, atesta paradoxalmente um fracasso. Com sorte, evoca-se uma última vez Lacan para fazer refletir o leitor, quando este psicanalista francês diz em A terceira que “para nós, analistas, este sucesso não tem nada a ver com o que nos interessa; [...] O fracasso é o que opomos ao sucesso” (LACAN, 1980 [1974], p.3).

É sobre este fracasso que precisam estar advertidos os analistas que se propõem a escutar nos espaços públicos pois, como apontam Caldas e Boechat (2018) em seu artigo “é preciso dizer que esses encontros que acontecem nas ruas da cidade por certo não se configuram como uma experiência de análise” (p.21). Mas, ainda que não se configurem como uma análise, seja pelo estranho manejo com relação ao dinheiro como articulado neste escrito, seja pela questão da transferência – tema que poderia ser melhor explorado neste trabalho, mas que deseja-se debruçar mais atentamente no futuro – os espaços públicos podem ser lugares de acolhimento a palavra e de continência aos significantes.

Assim como este escrito, o próprio fazer nas clínicas abertas que é recente e está em pleno processo de organização e descobertas. Mesmo a produção bibliográfica sobre tais experiências e publicação de material tem ocorrido de maneira paulatina e a partir da pesquisa na prática de cada um dos coletivos que as realizam. Isto caracteriza de um lado uma dificuldade/preocupação pois foram poucos os materiais de pesquisa produzidos até o momento como pode-se perceber nesta pesquisa, mas por outro viés, revela o frescor e potencial ao se propor pesquisas neste campo e sobre a psicanálise realizada no atual contexto brasileiro.

A tensão entre os discursos presentes nas textualidades e as formações ideológicas e discursivas do autor do trabalho, este também atravessado pelos discursos científico, da psicanálise, da psicologia, do teatro e outros inconscientes, faz com que a pesquisa toque apenas por pontas naquilo que se propôs. Espera-se ao menos que aquele que lê tenha, mesmo que brevemente, conseguido desalienar-se naquilo que falta, excede ou estranha discursivamente seja em sua função-leitor, xamã, ator ou psicanalista.

Por fim, entende-se que a sensação de se ter ficado no meio do caminho neste trabalho pode ser analisada a partir da relação que as formações discursivas a que pertencem os artigos selecionados levam a que o próprio dispositivo se configure deste modo. Pode-se pensar com Orlandi (2007) que “é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em



suas relações” (p.44). O discurso não é transparente e sim opaco, como também coloca esta autora, e é isto também que se observa ao tentar articular este escrito.

## REFERÊNCIAS

### ARTIGOS, LIVROS E TEXTOS ACADÊMICOS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ª. Edição Revisada e Ampliada, São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BERCOVICI, Gilberto. O golpe do impeachment. In: **A resistência ao golpe de 2016** [S.l: s.n.], 2016.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. 117 p.

BROIDE, Jorge. **A clínica psicanalítica na cidade**. Disponível em: [http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos\\_comunicacao/A%20clinica%20psicanalitica%20na%20cidade.pdf](http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos_comunicacao/A%20clinica%20psicanalitica%20na%20cidade.pdf) , Acesso em 06/06/2019.

CALDAS, Heloisa; BOECHAT, Clarisse. A Clínica Psicanalítica na Rua diante da Violência e Segregação. **Revista Subjetividades**, v. 18, n. Esp, p. 13-23, 2018.

DIAS, Antonio Francisco Lopes. A democracia como vítima do golpe tragicômico de 2016 no Brasil. **Argumentos-Revista de Filosofia**, v. 2018, n. 19.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. A Lógica do Condomínio ou: o Síndico e seus Descontentes. **Leitura Flutuante. Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise**. ISSN 2175-7291, v. 1, 2009.

\_\_\_\_\_. A psicanálise nos espaços públicos. In.: BROID, Emilia; KATZ, Ilana. **Psicanálise nos espaços públicos**. São Paulo: IP/USP, 2019.

ERNST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento. **Seminário de Estudos em Análise do Discurso**, 2009.

FIGUEIREDO, Ana Cristina Costa de. **Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público**. 2000.

FERNANDES, Carolina; VINHAS Luciana Iost. Da maquinaria ao dispositivo teórico-analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 133-151, jan./abr. 2019.

FREIRE, Desirée Guichard et al. 2016, ano em que o país sofreu um golpe político-institucional, não termina, **Espaço e Economia [Online]**, 9 | 2016, posto online no dia 09 janeiro 2017, consultado o 31 outubro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/2511>

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1939). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., vol. 23, p. 282).** Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. Linhas de progresso na terapia psicanalítica (1918) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Vol. XVII, p.173-181, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades (1919) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Vol..XVII, p.185-189, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Sobre o início do tratamento [1913] In: **J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud (Vol. XII, pp. 163-187).** Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GUIMARÃES, Daniel. **A Psicanálise, o Homem Neoliberal e o Público:** De como o trabalho analítico com vítimas da especulação imobiliária pode ajudar a refletir sobre os papéis do Estado. 2018. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/sem-categoria/665839/>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

GUIMARÃES, Thessa; JARDIM, Raoni Machado Moraes. Apontamentos sobre o horizonte crítico do Psicanálise na Rua. **Teoría y Crítica de la Psicología**, v. 12, p. 315-339, 2019.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas:** a abordagem adaptativa indireta com vistas à troca de regime. Moscou: Projeto do Institute for Strategic Studies and Predictions PFUR, 2015.

LACAN, Jacques. La tercera [1974] . In: **Actas de la Escuela Freudiana de Paris** (pp. 159-186). Barcelona: Ediciones Petrel, 1980.

\_\_\_\_\_. Intervenção sobre a transferência [1951]. In: LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval [1960/64]. In: LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 7 [1959-1960]:** A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 9 [1961-1962]:** A identificação. Recife: Centro de Estudos Freudiano do Recife, 2003.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 17:** o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 20 [1972-73]: mais, ainda.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

\_\_\_\_\_. **Os não-tolos erram / Os nomes do pai (Seminário 21):** seminário entre 1973-1974 [recurso eletrônico] / Jacques Lacan [tradução e organização de Frederico Denez e Gustavo Capobianco Volaco] – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://www.editorafi.org> .

LAPLANCHE, Jean. **Novos fundamentos para a psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. **Antropologia estrutural**, v. 4, 1975.

LIMA, Rafael Alves. Clínicas Públicas nos primórdios da psicanálise: uma introdução. **Teoría y Crítica de la Psicología**, v. 12, p. 292-314, 2019.

MALISKA, Maurício Eugênio. **A acrisevidade da cultura.** Texto apresentado no Colóquio de Convergência – Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana “Crise dans la culture”. Disponível em: [http://convergencia-clf.org/doc/Po/MFIP%20Mai%C3%AAutica%20A%20acrisevidade%20na%20cultura\\_Po.pdf](http://convergencia-clf.org/doc/Po/MFIP%20Mai%C3%AAutica%20A%20acrisevidade%20na%20cultura_Po.pdf) Acesso em 02/02/2019.

MARINO, Adriana Simões, COARACY, Augusto Ribeiro & OLIVEIRA, Thiago. (2018) Uma Experiência de Clínica Aberta de Psicanálise. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n. -5, p. 4, 2018. Disponível em <<https://revistalacuna.com/2018/06/04/n05-04/>>.

MATTOS, Hebe; BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G. **Historiadores pela democracia: o golpe de 2016 e a força do passado.** Alameda Casa Editorial, 2016.

MATTOS, Ligia Todescan Lessa et al. O conceito de responsabilidade social: uma experiência na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. **Jornal de Psicanálise**, v. 49, n. 91, p. 77-89, 2016.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVAO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 17, n. 4, p. 758-764, Dec. 2008 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=iso)>. access on 05 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.

MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise.** Editora Companhia das Letras, 2002.

MARINO, Adriana Simões; NETO, Augusto Ribeiro Coaracy. Psicanálise na Praça Roosevelt: uma experiência clínico-política em um espaço público. **Teoría y Crítica de la Psicología**, v. 12, p. 352-367, 2019.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

PINTO, Tainá. Os pés descalços. Um relato sobre a experiência Psicanálise na Rua. **Teoría y Crítica de la Psicología**, v. 12, p. 368-385, 2019.

PRIOR, Hélder; SOUSA, João Carlos. A mudança estrutural do Público e do Privado. **OBS\***, Lisboa, v. 8, n. 3, p. 01-16, set. 2014. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1646-59542014000300001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-59542014000300001&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 04 nov. 2019.

ROSA, Miriam Debieux. Psicanálise implicada vicissitudes das práticas clinicopolíticas. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, v. 41, p. 29-40, 2013.

\_\_\_\_\_. Psicanálise na universidade: considerações sobre o ensino de psicanálise nos cursos de psicologia. **Psicologia USP**, v. 12, n. 2, p. 189-199, 2001.

SAMPIERI, Roberto H.; COLLADO, Carlos F.; LUCIO, María. PB. **Metodologia de pesquisa** [recurso eletrônico]; tradução: Dayse Vaz de Moraes. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Toni Edson Costa. A porta da rua é a serventia da escola: intervenções teatrais na rua e na academia. In.: LICKO, Turle; TRINDADE, Jussara; GOMES, Vanéssia (Org.). **Teatro de rua**: discursos, pensamentos e memórias em rede. Fortaleza: Aldeia Casa Viva, 2016 167 p.

SLEMENSON, Karin de Paula. **\$EM?** Sobre a inclusão e o manejo do dinheiro numa psicanálise. Casa do Psicólogo, 2001.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1 Pt 1, p. 102-6, 2010.

TEIXEIRA, Elizabeth et al. Revisão integrativa da literatura passo-a-passo & convergências com outros métodos de revisão. **Rev Enferm UFPI**, v. 2, n. sSupl, 2013.

URSI, Elizabeth Silva; GAVÃO, Cristina Maria. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 1, p. 124-131, 2006.

VIEIRA, Isadora Muniz. **A ilha da magia de Elaine Borges**: um passeio pelo passado de Florianópolis através da trajetória da jornalista (1972 - 1999). 136 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2019.

## APENDICÊ I

### PROTOCOLO DE COLETA DE DADOS BASEADO EM URSI E GALVÃO (2006)

<b>A. Identificação</b>	
Título do artigo, livro, capítulo de livro, dissertação ou tese	<b>A clínica psicanalítica na rua diante da violência e segregação</b>
Título do periódico	Subjetividades
Autores	Nome: Heloísa Caldas Local: Rio de Janeiro Titulação: Doutora em psicologia UFRJ. Docente do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise PGPSA/UERJ.  Nome: Clarisse Boechat Local: Rio de Janeiro Titulação: Doutoranda em Psicologia pela UFRJ.
País	Brasil
Idioma	Português
Ano de publicação	2018
<b>B. Sede do estudo</b>	
Coletivo/Instituição Psicanalítica	
Universidade	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de pesquisa	
Instituição única	
Pesquisa multicêntrica	
Outras instituições	
Não identifica o local	
<b>C. Tipo de publicação</b>	
Publicação de psicanálise	
Publicação de psicologia	Qualis B1
Publicação de outra área da saúde. Qual?	
<b>D. Características metodológicas do estudo</b>	
1. Tipo de publicação	1.1 Pesquisa ( ) Abordagem quantitativa (X) Abordagem qualitativa  1.2 Não pesquisa ( ) Revisão de literatura ( ) Relato de experiência ( ) Outras _____
2. Objetivo ou questão de investigação	Busca a partir de três experiências de trabalho nas ruas do Rio de Janeiro (Consultório de Rua, Ateliê de Escrita e CAPS AD – III) debater a questão “Qual será o alcance da psicanálise face ao real

	da violência que comparece nas ruas de forma tão radicalmente segregada?”
3. Amostra	<p>3.1 Seleção  <input type="checkbox"/> Randômica  <input type="checkbox"/> Conveniência  <input type="checkbox"/> Outra _____</p> <p>3.2 Critérios de inclusão/exclusão dos escritos  _____</p>
4. Tratamento dos dados	
5. Resultados	Concluem que os encontros nas ruas não se configuram como ‘experiência de análise’ e sim, a partir de Lacan, ‘efeitos da presença da psicanálise’. Por outro lado, afirmam que o caos das ruas interessa à Psicanálise, pois o analista poderia abrir ‘sulcos na ordem de ferro do Discurso do Mestre’.
6. Análise dos dados	
7. Implicações	<p>7.1 As conclusões são justificadas com base nos resultados _____</p> <p>7.2 Quais são as recomendações dos autores</p> <p>Não são taxativas quanto aos limites da experiência da psicanálise nas ruas, mas acreditam que as experiências servem como experiência na formação do analista ao mostrar que o discurso analítico é potente e pode enlaçar-se aos espaços públicos.</p>
<b>E. Avaliação do rigor metodológico</b>	
Clareza na identificação da trajetória metodológica no texto (método empregado, sujeitos participantes, critérios de inclusão/exclusão, intervenção, resultados)	
Identificação de limitações ou vieses	Causa certo mal-estar ao ler este artigo o fato de que as três experiências citadas logo no início do texto não serem retomadas com vias propor articulação com a teoria psicanalítica que é, diga-se de passagem, muito bem aproveitada ao longo desta produção. Apesar de deixar claro que este não era o objetivo do texto, ao leitor seria importante observar como a prática desta psicanálise nas ruas tem apoio na teoria utilizada.

<b>A. Identificação</b>	
Título do artigo, livro, capítulo de livro, dissertação ou tese	<b>Questões subjacentes às margens da clínica e da transmissão psicanalítica em territórios vulnerabilizados pela violência política</b>
Título do periódico	Teoría y Crítica de la Psicología
Autores	Nome: Anna Turriani Local: São Paulo Titulação: Doutoranda pelo DIVERSITAS/USP (Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos).
País	México
Idioma	Português
Ano de publicação	2019
<b>B. Sede do estudo</b>	
Coletivo/Instituição Psicanalítica	Coletivo Margens Clínicas (SP)
Universidade	
Centro de pesquisa	
Instituição única	
Pesquisa multicêntrica	
Outras instituições	
Não identifica o local	
<b>C. Tipo de publicação</b>	
Publicação de psicanálise	
Publicação de psicologia	Qualis B4
Publicação de outra área da saúde. Qual?	
<b>D. Características metodológicas do estudo</b>	
1. Tipo de publicação	1.1 Pesquisa ( ) Abordagem quantitativa ( ) Abordagem qualitativa  1.2 Não pesquisa ( ) Revisão de literatura ( X ) Relato de experiência ( ) Outras _____
2. Objetivo ou questão de investigação	A partir do relato de experiências do Coletivo Margens Clínicas, 'refletir sobre o papel e contribuição da psicanálise no enfrentamento à violência política'.
3. Amostra	3.1 Seleção ( ) Randômica ( ) Conveniência ( ) Outra _____  3.2 Critérios de inclusão/exclusão dos escritos _____

4. Tratamento dos dados	
5. Resultados	Assume uma postura crítica frente as práticas psicanalíticas usuais, tendo como suporte teórico reflexões a partir de autores identificados ao freudomarxismo como Vladimir Safatle, Sandor Ferenczi, Otto Gross e Wilhelm Reich. Relata experiências formativas e dispositivos clínicos elaborados no Coletivo Margens Clínicas.
6. Análise dos dados	
7. Implicações	<p>7.1 As conclusões são justificadas com base nos resultados_____</p> <p>7.2 Quais são as recomendações dos autores</p> <p>Que se proponha por parte dos psicanalistas e instituições psicanalíticas uma aproximação dos sujeitos que enfrentam a violência política, ou seja, praticada pelo Estado. Para tanto, convoca os psicanalistas a fazerem um retorno crítico a própria teoria psicanalítica com vistas a se afastar dos possíveis efeitos contra-transferenciais e identificatórias das formações psicanalíticas, propondo o que chama de <i>Desformação Psicanalítica</i>.</p>
<b>E. Avaliação do rigor metodológico</b>	
Clareza na identificação da trajetória metodológica no texto (método empregado, sujeitos participantes, critérios de inclusão/exclusão, intervenção, resultados)	
Identificação de limitações ou vieses	São relevantes as questões levantadas pela a autora no sentido de historicizar práticas institucionais que desviaram o propósito freudiano de expandir os limites da psicanálise. Contudo, há que se cuidar para que esta tentativa de ampliação do escopo analítico, não distancie os psicanalistas das bases e conceitos fundamentais da psicanálise (Inconsciente, Repetição, Sublimação e Pulsão). Alguns dos autores freudomarxistas citados no artigo e que embasam o atravessamento político que a autora assume em seu texto, apesar de terem contribuído em alguma escala com o avanço do pensamento sobre o saber psicanalítico, também afastaram-se em grande medida das proposições freudianas.



<b>A. Identificação</b>	
Título do artigo, livro, capítulo de livro, dissertação ou tese	<b>Que voz na voz não ouvida? Uma escuta psicanalítica a catadores de recicláveis</b>
Título do periódico	Revista de Psicologia da UNESP
Autores	Nome: João Elias Cury Junior Local: São Paulo Titulação: Psicólogo e mestre em Psicologia (FCL/Unesp-Assis).  Nome: Silvio José Bonelli Local: São Paulo Titulação: Psicólogo, doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da USP, São Paulo. Professor assistente do Depto. de Psicologia Clínica no curso de Graduação em Psicologia e no Programa de e Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade da FCL/UNESP-Assis.
País	Brasil
Idioma	Português
Ano de publicação	2017
<b>B. Sede do estudo</b>	
Coletivo/Instituição Psicanalítica	
Universidade	FCL / UNESP - Assis
Centro de pesquisa	
Instituição única	
Pesquisa multicêntrica	
Outras instituições	
Não identifica o local	
<b>C. Tipo de publicação</b>	
Publicação de psicanálise	
Publicação de psicologia	Qualis B3
Publicação de outra área da saúde. Qual?	
<b>D. Características metodológicas do estudo</b>	
1. Tipo de publicação	1.1 Pesquisa ( ) Abordagem quantitativa ( ) Abordagem qualitativa  1.2 Não pesquisa ( ) Revisão de literatura (X) Relato de experiência ( ) Outras _____
2. Objetivo ou questão de investigação	A partir do relato de experiência no trabalho com catadores de material reciclável, o autor propõe com base na teoria freudolaciana 'mostrar que o favorecimento de construções

	narrativas pode levar o sujeito a reposicionar-se diante do seu sofrimento e o entorno'.
3. Amostra	<p>3.1 Seleção  <input type="checkbox"/> Randômica  <input type="checkbox"/> Conveniência  <input type="checkbox"/> Outra _____</p> <p>3.2 Critérios de inclusão/exclusão dos escritos  _____</p>
4. Tratamento dos dados	
5. Resultados	Ao articular o trabalho em grupo psicoterapêutico com os quatro discursos lacanianos, o autor aposta na potencialidade da psicanálise em retificar subjetivamente a partir da Associação Livre, ainda que pela via do Imaginário grupal, as relações que o sujeito estabelece com o Outro.
6. Análise dos dados	
7. Implicações	<p>7.1 As conclusões são justificadas com base nos resultados _____</p> <p>7.2 Quais são as recomendações dos autores</p>
<b>E. Avaliação do rigor metodológico</b>	
Clareza na identificação da trajetória metodológica no texto (método empregado, sujeitos participantes, critérios de inclusão/exclusão, intervenção, resultados)	
Identificação de limitações ou vieses	

<b>A. Identificação</b>	
Título do artigo, livro, capítulo de livro, dissertação ou tese	<b>Psicanálise a céu aberto</b>
Título do periódico	Jornal de Psicanálise
Autores	Nome: Magda Guimarães Khouri Local: São Paulo Titulação: Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.  Nome: Oswaldo Ferreira Leite Netto Local: São Paulo Titulação: Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.
País	Brasil
Idioma	Português
Ano de publicação	2016
<b>B. Sede do estudo</b>	
Coletivo/Instituição Psicanalítica	Sociedade Brasileira Psicanálise de São Paulo
Universidade	
Centro de pesquisa	
Instituição única	
Pesquisa multicêntrica	
Outras instituições	
Não identifica o local	
<b>C. Tipo de publicação</b>	
Publicação de psicanálise	
Publicação de psicologia	Qualis B2
Publicação de outra área da saúde. Qual?	
<b>D. Características metodológicas do estudo</b>	
1. Tipo de publicação	1.1 Pesquisa ( ) Abordagem quantitativa ( ) Abordagem qualitativa  1.2 Não pesquisa ( ) Revisão de literatura ( X ) Relato de experiência ( ) Outras _____
2. Objetivo ou questão de investigação	“Pensar em práticas psicanalíticas ‘a céu aberto’ como possibilidade de escuta analítica voltada àqueles comumente hostilizados ou até ignorados em sua invisibilidade, provocada por um sistema que exclui pessoas” e articular a isto o conceito de <i>abjeto</i> em Judith Butler.
3. Amostra	3.1 Seleção ( ) Randômica

	<p>( ) Conveniência  ( ) Outra _____</p> <p>3.2 Critérios de inclusão/exclusão dos escritos  _____</p>
4. Tratamento dos dados	
5. Resultados	<p>Propõem que as instituições psicanalíticas possam constituir um setor de atendimento à comunidade que possa atuar em diferentes territórios. Pensam que estes dispositivos possam escutar justamente aquelas pessoas que vivenciem situações de exclusão e são colocadas em situação de abjetos.</p>
6. Análise dos dados	
7. Implicações	<p>7.1 As conclusões são justificadas com base nos resultados _____</p> <p>7.2 Quais são as recomendações dos autores</p> <p>Pensam na possibilidade haver espaços nas instituições psicanalíticas de sistematização e implantação para se pensar o 'atendimento à comunidade'.</p>
<b>E. Avaliação do rigor metodológico</b>	
Clareza na identificação da trajetória metodológica no texto (método empregado, sujeitos participantes, critérios de inclusão/exclusão, intervenção, resultados)	
Identificação de limitações ou vieses	<p>O artigo fragiliza-se ao final ao generalizar o trabalho de escuta psicanalítica pelo viés de apenas possibilitar a busca de sentido para os sujeitos invisibilizados socialmente.</p>

<b>A. Identificação</b>	
Título do artigo, livro, capítulo de livro, dissertação ou tese	<b>Clínica psicanalítica implicada: conexões com a cultura, a sociedade e a política</b>
Título do periódico	Psicologia em Estudo
Autores	Nome: Miriam Debieux Rosa Local: São Paulo Titulação:  Nome: Ivan Ramos Estevão Local: São Paulo Titulação:  Nome: Ana Paula Musatti Braga Local: São Paulo Titulação:
País	Brasil
Idioma	Português
Ano de publicação	2017
<b>B. Sede do estudo</b>	
Coletivo/Instituição Psicanalítica	
Universidade	Universidade de São Paulo
Centro de pesquisa	
Instituição única	
Pesquisa multicêntrica	
Outras instituições	
Não identifica o local	
<b>C. Tipo de publicação</b>	
Publicação de psicanálise	
Publicação de psicologia	Qualis A1
Publicação de outra área da saúde. Qual?	
<b>D. Características metodológicas do estudo</b>	
1. Tipo de publicação	1.1 Pesquisa ( ) Abordagem quantitativa ( X ) Abordagem qualitativa  1.2 Não pesquisa ( ) Revisão de literatura ( ) Relato de experiência ( ) Outras _____
2. Objetivo ou questão de investigação	Ao dividir o texto em duas partes as autoras pretendem, primeiramente, refletir sobre as possibilidades já em Freud e Lacan de se propor um atendimento psicanalítico para <i>as massas</i> . Na

	segunda parte, desenvolve sua ideia de <i>clínica-política</i> onde é a dimensão política do sofrimento nas cidades que convoca a psicanálise a propor trabalhos que ultrapassem os muros dos consultórios.
3. Amostra	<p>3.1 Seleção</p> <p>( ) Randômica</p> <p>( ) Conveniência</p> <p>( ) Outra _____</p> <p>3.2 Critérios de inclusão/exclusão dos escritos</p> <p>_____</p>
4. Tratamento dos dados	
5. Resultados	Como conclusão, propõem as autoras que a clínica psicanalítica deve ir aos espaços públicos da cidade com a tarefa de romper a alienação ao Outro e o <i>emudecimento traumático</i> , configurando a direção do tratamento do analista a partir de um suporte simbólico que consiga restituir de modo mínimo a cadeia significativa para os sujeitos em situação de exclusão e sofrimento. A isto Rosa (2016) entende como <i>Psicanálise Implicada</i> .
6. Análise dos dados	
7. Implicações	<p>7.1 As conclusões são justificadas com base nos resultados _____</p> <p>7.2 Quais são as recomendações dos autores</p>
<b>E. Avaliação do rigor metodológico</b>	
Clareza na identificação da trajetória metodológica no texto (método empregado, sujeitos participantes, critérios de inclusão/exclusão, intervenção, resultados)	
Identificação de limitações ou vieses	

<b>A. Identificação</b>	
Título do artigo, livro, capítulo de livro, dissertação ou tese	<b>Clínicas Públicas nos primórdios da psicanálise: uma introdução</b>
Título do periódico	Teoria y Critica de la Psicologia
Autores	Nome: Rafael Alves Lima Local: São Paulo Titulação: Mestre e Doutorando em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (2012).
País	México
Idioma	Português
Ano de publicação	2019
<b>B. Sede do estudo</b>	
Coletivo/Instituição Psicanalítica	
Universidade	Universidade de São Paulo
Centro de pesquisa	
Instituição única	
Pesquisa multicêntrica	
Outras instituições	
Não identifica o local	
<b>C. Tipo de publicação</b>	
Publicação de psicanálise	
Publicação de psicologia	Qualis B4
Publicação de outra área da saúde. Qual?	
<b>D. Características metodológicas do estudo</b>	
1. Tipo de publicação	1.1 Pesquisa ( ) Abordagem quantitativa ( ) Abordagem qualitativa  1.2 Não pesquisa ( ) Revisão de literatura ( ) Relato de experiência ( ) Outras _____
2. Objetivo ou questão de investigação	Realiza uma introdução à história das clínicas públicas, abertas e gratuitas no período entreguerras europeu e relaciona estas primeiras práticas e seus efeitos nas recentes implicações clínicas dos coletivos psicanalíticos no Brasil.
3. Amostra	3.1 Seleção ( ) Randômica ( ) Conveniência ( ) Outra _____  3.2 Critérios de inclusão/exclusão dos escritos _____

4. Tratamento dos dados	
5. Resultados	Conclui que as primeiras experiências que se lançaram na escuta do social ao mesmo passo que possibilitou a ampliação do campo de trabalho aos psicanalistas também, como efeito secundário, abriu portas para a institucionalização e <i>estandarização</i> da formação analítica.
6. Análise dos dados	
7. Implicações	7.1 As conclusões são justificadas com base nos resultados _____  7.2 Quais são as recomendações dos autores
<b>E. Avaliação do rigor metodológico</b>	
Clareza na identificação da trajetória metodológica no texto (método empregado, sujeitos participantes, critérios de inclusão/exclusão, intervenção, resultados)	
Identificação de limitações ou vieses	



<b>A. Identificação</b>	
Título do artigo, livro, capítulo de livro, dissertação ou tese	<b>Os pés descalços. Um relato sobre a experiência Psicanálise na Rua</b>
Título do periódico	Teoria y Critica de la Psicologia
Autores	Nome: Tainá Hilana Oliveira Pinto Local: Brasília Titulação: Mestra em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (2012) e doutoranda no mesmo programa.
País	México
Idioma	Português
Ano de publicação	2019
<b>B. Sede do estudo</b>	
Coletivo/Instituição Psicanalítica	Coletivo Psicanálise na Rua - Brasília
Universidade	Universidade de Brasília
Centro de pesquisa	
Instituição única	
Pesquisa multicêntrica	
Outras instituições	
Não identifica o local	
<b>C. Tipo de publicação</b>	
Publicação de psicanálise	
Publicação de psicologia	Qualis B4
Publicação de outra área da saúde. Qual?	
<b>D. Características metodológicas do estudo</b>	
1. Tipo de publicação	1.1 Pesquisa ( ) Abordagem quantitativa ( ) Abordagem qualitativa  1.2 Não pesquisa ( ) Revisão de literatura (X) Relato de experiência ( ) Outras _____
2. Objetivo ou questão de investigação	Apresenta de maneira poética a experiência da autora com o coletivo Psicanálise na Rua na cidade de Brasília. Ao longo do texto a autora articula excertos da obra “Os obedientes” de Clarice Lispector às proposições freudianas em seu texto de 1921, “Psicologia das Massas e análise do eu”.
3. Amostra	3.1 Seleção ( ) Randômica ( ) Conveniência ( ) Outra _____  3.2 Critérios de inclusão/exclusão dos escritos

4. Tratamento dos dados	
5. Resultados	Pinto (2019) propõe que os passantes que procuram um analista nas ruas das cidades podem recontar sua história pessoal de modo a quebrar com as idealizações imaginárias acerca do Eu. Contudo, a autora reflete que ao propor este trabalho nas praças e ruas, o próprio movimento psicanalítico aposta nas fissuras que pode provocar na unidade aparente das massas e na agressividade que atua no sentido de manter as idealizações.
6. Análise dos dados	
7. Implicações	7.1 As conclusões são justificadas com base nos resultados _____  7.2 Quais são as recomendações dos autores
<b>E. Avaliação do rigor metodológico</b>	
Clareza na identificação da trajetória metodológica no texto (método empregado, sujeitos participantes, critérios de inclusão/exclusão, intervenção, resultados)	
Identificação de limitações ou vieses	

<b>A. Identificação</b>	
Título do artigo, livro, capítulo de livro, dissertação ou tese	<b>O conceito de responsabilidade social uma experiencia na sociedade brasileira de psicanalise de São Paulo</b>
Título do periódico	Jornal de Psicanálise
Autores	<p>Nomes:</p> <p>(1) Ligia Todescan Lessa Mattos,</p> <p>(2) Beatriz da Motta Pacheco Tupinambá, Cristina Maria Kurkdjian, Sonia Maria Camargo Marchini, Tania Mara Zalberg</p> <p>(3) Regina Elizabeth Lordello Coimbra</p> <p>Local: São Paulo</p> <p>Titulação:</p> <p>(1) Membro efetivo da SBPSP e didata do Instituto de Psicanálise “Durval Marcondes” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.</p> <p>(2) Membros associados da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.</p> <p>(3) Membro efetivo e analista de crianças e adolescentes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.</p>
País	Brasil
Idioma	Português
Ano de publicação	2016
<b>B. Sede do estudo</b>	
Coletivo/Instituição Psicanalítica	Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP
Universidade	
Centro de pesquisa	
Instituição única	
Pesquisa multicêntrica	
Outras instituições	
Não identifica o local	
<b>C. Tipo de publicação</b>	
Publicação de psicanálise	
Publicação de psicologia	Qualis B2
Publicação de outra área da saúde. Qual?	
<b>D. Características metodológicas do estudo</b>	
1. Tipo de publicação	<p>1.1 Pesquisa</p> <p>( ) Abordagem quantitativa</p> <p>( ) Abordagem qualitativa</p>

	<p>1.2 Não pesquisa  <input type="checkbox"/> Revisão de literatura  <input checked="" type="checkbox"/> Relato de experiência  <input type="checkbox"/> Outras _____</p>
2. Objetivo ou questão de investigação	<p>As autoras apresentam a partir da experiência em uma instituição psicanalítica associada à International Psychoanalysis Association (IPA) os impasses, dificuldades e resultados da implantação da Diretoria de Atendimento à Comunidade na SBPSP a partir do conceito de “responsabilidade social”.</p>
3. Amostra	<p>3.1 Seleção  <input type="checkbox"/> Randômica  <input type="checkbox"/> Conveniência  <input type="checkbox"/> Outra _____</p> <p>3.2 Critérios de inclusão/exclusão dos escritos  _____</p>
4. Tratamento dos dados	
5. Resultados	<p>Consideram importante a proposição de trabalhos que atendam à preços populares, mas também reconhecem as dificuldades de implantação de um trabalho como este em uma instituição psicanalítica onde a maioria dos membros estão “habituaados ao trabalho dentro do <i>setting</i> estrito da psicanálise tradicional” (MATTOS <i>et al</i>, 2016, p.87).</p>
6. Análise dos dados	
7. Implicações	<p>7.1 As conclusões são justificadas com base nos resultados _____</p> <p>7.2 Quais são as recomendações dos autores</p>
<b>E. Avaliação do rigor metodológico</b>	
Clareza na identificação da trajetória metodológica no texto (método empregado, sujeitos participantes, critérios de inclusão/exclusão, intervenção, resultados)	
Identificação de limitações ou vieses	

<b>A. Identificação</b>	
Título do artigo, livro, capítulo de livro, dissertação ou tese	<b>Psicanálise na Praça Roosevelt: uma experiência clínico-política em um espaço público</b>
Título do periódico	Teoria y Critica de la Psicologia
Autores	<p>Nome: Adriana Simões Marino Local: São Paulo Titulação: Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (IPUSP) (2018). Psicanalista membro de Fórum da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL-BR).</p> <p>Nome: Augusto Ribeiro Coaracy Netto Local: São Paulo Titulação: Mestre pela PUC/SP em Psicologia Social com a dissertação: "A participação social como diretriz estratégica do SUS: a psicanálise operando em lógicas coletivas na saúde". (2017) Realiza atendimento psicanalítico em consultório particular desde 2010.</p>
País	México
Idioma	Português
Ano de publicação	2019
<b>B. Sede do estudo</b>	
Coletivo/Instituição Psicanalítica	Coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt (SP)
Universidade	
Centro de pesquisa	
Instituição única	
Pesquisa multicêntrica	
Outras instituições	
Não identifica o local	
<b>C. Tipo de publicação</b>	
Publicação de psicanálise	
Publicação de psicologia	Qualis B4
Publicação de outra área da saúde. Qual?	
<b>D. Características metodológicas do estudo</b>	
1. Tipo de publicação	<p>1.1 Pesquisa  <input type="checkbox"/> Abordagem quantitativa  <input type="checkbox"/> Abordagem qualitativa</p> <p>1.2 Não pesquisa  <input type="checkbox"/> Revisão de literatura  <input checked="" type="checkbox"/> Relato de experiência  <input type="checkbox"/> Outras _____</p>
2. Objetivo ou questão de investigação	A partir da experiência realizada na Praça Roosevelt, na cidade de São Paulo, os autores discutem as possibilidades de ocorrência de uma transferência no trabalho analítico nos espaços públicos. Também discutem o próprio conceito de <i>território</i> e de como as

	tensões presentes nestes espaços transbordam nas subjetividades que compõem o laço social.
3. Amostra	<p>3.1 Seleção  <input type="checkbox"/> Randômica  <input type="checkbox"/> Conveniência  <input type="checkbox"/> Outra _____</p> <p>3.2 Critérios de inclusão/exclusão dos escritos  _____</p>
4. Tratamento dos dados	
5. Resultados	Por fim, acreditam que o movimento de estar nas ruas oferecendo escuta marca um posicionamento político da psicanálise hoje, ainda que na prática de escuta, no encontro clínico, possa se preservar o <i>um a um</i> da singularidade de cada sujeito.
6. Análise dos dados	
7. Implicações	<p>7.1 As conclusões são justificadas com base nos resultados _____</p> <p>7.2 Quais são as recomendações dos autores</p>
<b>E. Avaliação do rigor metodológico</b>	
Clareza na identificação da trajetória metodológica no texto (método empregado, sujeitos participantes, critérios de inclusão/exclusão, intervenção, resultados)	
Identificação de limitações ou vieses	

<b>A. Identificação</b>	
Título do artigo, livro, capítulo de livro, dissertação ou tese	<b>Apontamentos sobre o horizonte crítico do Psicanálise na Rua</b>
Título do periódico	Teoria y Critica de la Psicologia
Autores	<p>Nome: Thessa Laís Pires e Guimarães Local: Brasília Titulação: Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (2013), do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB). É psicanalista, e pesquisa interfaces da psicanálise lacaniana com a epistemologia, a dialética e a política. Membro fundador da Associação Lacaniana de Brasília (ALB).</p> <p>Nome: Raoni Machado Moraes Jardim Local: São Paulo Titulação: Doutor em Sociologia pelo Centro de Estudos Latino-americanos da Universidade de Brasília - ELA/UNB</p>
País	México
Idioma	Português
Ano de publicação	2019
<b>B. Sede do estudo</b>	
Coletivo/Instituição Psicanalítica	Coletivo Psicanálise na Rua - Brasília
Universidade	
Centro de pesquisa	
Instituição única	
Pesquisa multicêntrica	
Outras instituições	
Não identifica o local	
<b>C. Tipo de publicação</b>	
Publicação de psicanálise	
Publicação de psicologia	Qualis B4
Publicação de outra área da saúde. Qual?	
<b>D. Características metodológicas do estudo</b>	
1. Tipo de publicação	<p>1.1 Pesquisa  <input type="checkbox"/> Abordagem quantitativa  <input type="checkbox"/> Abordagem qualitativa</p> <p>1.2 Não pesquisa  <input type="checkbox"/> Revisão de literatura  <input checked="" type="checkbox"/> Relato de experiência  <input type="checkbox"/> Outras _____</p>
2. Objetivo ou questão de investigação	A partir da reflexão sobre a dimensão sócio-política do sofrimento humano, os autores propõem uma densa articulação entre a história de iniciativas da chamada Psicanálise Implicada, estudos decoloniais e críticas a uma psicanálise estandarizada. Também

	relatam ao fim a experiência de Brasília do qual participam e outras como possibilidade de <i>democratização</i> da psicanálise.
3. Amostra	<p>3.1 Seleção  <input type="checkbox"/> Randômica  <input type="checkbox"/> Conveniência  <input type="checkbox"/> Outra _____</p> <p>3.2 Critérios de inclusão/exclusão dos escritos  _____</p>
4. Tratamento dos dados	
5. Resultados	Propõem como uma saída de um certo assistencialismo aos pobres a partir dos “psicanalistas que propõem o bem”, uma prática que possa além de psicanalisar, formar analistas que venham de camadas excluídas socialmente.
6. Análise dos dados	
7. Implicações	<p>7.1 As conclusões são justificadas com base nos resultados _____</p> <p>7.2 Quais são as recomendações dos autores</p>
<b>E. Avaliação do rigor metodológico</b>	
Clareza na identificação da trajetória metodológica no texto (método empregado, sujeitos participantes, critérios de inclusão/exclusão, intervenção, resultados)	
Identificação de limitações ou vieses	



## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) pela infraestrutura oferecida e a seus colaboradores pelo comprometimento com o trabalho. Ao governo da presidenta Dilma Rousseff que possibilitou meu ingresso no curso de graduação por meio do programa de financiamento estudantil (FIES). Agradeço também ao CNPq que através do programa de pesquisa PIBIC possibilitou o fomento de minhas pesquisas nos últimos três anos.

A todas as professoras e professores do curso de Psicologia estendo meu agradecimento pelos ensinamentos e pelas fecundas trocas estabelecidas ao longo destes cinco anos. Sou grato também à professora Quele de Souza Gomes Santos pela orientação deste trabalho, contribuições e pela paciência em aventurar-se no Real psicanalítico. Agradeço à professora Marcela de Andrade Gomes pela leitura e parecer enviado como contribuição ao projeto de pesquisa. Também agradeço a professora Nádia Neckel por ter aceito o convite para compor a banca de defesa do trabalho e por dedicar seu tempo a leitura do mesmo. Faço um agradecimento especial ao professor Maurício Eugênio Maliska pela transmissão da psicanálise pelas vias da ética do desejo, pela mestria mediada verdadeiramente a partir da douta ignorância, pelas orientações, supervisões, questões, ensinamentos e aposta feita de inconsciente para inconsciente.

À todas(os) as profissionais que integram a equipe multidisciplinar do Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas (CAPS AD) do município de Palhoça pela acolhida e abertura de campo de estágio durante este ano, pelas trocas e ensinamentos possibilitados.

Aos psicanalistas e colegas de Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica pela transmissão, diálogo e reflexões tão importantes neste fazer impossível que é psicanalisar como no dito por Freud.

Agradeço ao amigo e professor Daniel Maurício Izidoro pelas incontáveis trocas, pelas experiências criativas compartilhadas, pelo respeito às minhas ideias e as de tantos outros colegas, pela visão de mundo e do processo de ensino-aprendizagem que nem sempre cabem em cátedras herméticas ou instituições burocráticas.

Sou grato a todas e todos colegas do curso de Psicologia primeiramente pela paciência com este velho dinossauro, mas principalmente pelas risadas e leveza em meio as pressões. À amizade afetuosa de Letícia Telles de Sousa nos trabalhos e estudos que dividimos, pela

generosidade, comprometimento e trocas tão importantes e inventivas. Especialmente agradeço a irmandade do amigo Ricardo A. Amaral (Rica) pelo belo exemplo de vida e resistência, pelas piadas, conversas, caronas de moto, por quebrar tantos galhos e por tanto me ensinar em ato.

Sou grato a minha mãe, Marina, por tentar compreender minhas sinuosas escolhas desde cedo mesmo em meio a tantas dificuldades.

Ao amigo e irmão de sempre Rafael Pereira por entender minhas ausências e insistir neste ser de humanas.

Ao amigo Luiz Gustavo Laurindo que reconheci tão cedo na faculdade pela admiração, parceria, gargalhadas, pelas ajudas incontáveis, pelo basquete necessário e cultura compartilhada.

Agradeço ao meu primeiro amigo canino, Balu, por ressignificar meus traumas infantis e mostrar que meu grande cão preto que antes era depressão, hoje continua grande e preto, mas que cabe nele todo afeto, carinho, diversão e festa cotidiana. Que possamos ainda viver muitos anos de caminhadas, brincadeiras e fidelidade. Obrigado por me presentificar, distrair e estar sempre grudado dia e noite.

À minha companheira, meu amor, Isadora Muniz sou grato por cada dia desde que nos conhecemos. Obrigado por me descompletar e ao fazê-lo que eu seja só desejo por ti. Por todo carinho, amizade, ensinamentos, risadas (pelos memes!). Por tantas conversas sinceras, pela lealdade e paz que jamais pensei encontrar, por fazer de mim alguém melhor – mesmo sendo tão complicado muitas vezes. Sou grato por acreditar em mim, por embarcar nas incontáveis roubadas, por me ajudar em todos os dias, por me abraçar naqueles que são piores e por viver intensamente o melhor que já vivi até aqui. Admiro tudo que és e o que serás.